

CINE



CINEMA OLYMPIA

*O melhor e o
mais popular
dos cinemas
de Lisboa*

*Pela escolha dos
programas, pela co-
modidade das suas
m á t i n é e s
diarias, pela sua
explendida or-
questra-jazz*

*Unico cinema que
d i s t r i b u e
gratuitamente, por
sorteio, brindes
m e n s á i s
aos seus frequen-
: : tadores : :*

AGUA, CREME E PÓ DE ARROZ

Rainha da Hungria

TRANSFORMAM
A SUA PELE EM
3 DIAS NUMA
B E L E Z A
INCOMPARAVEL

◆
Experimente hoje mesmo
e peça o catalogo gratis à

Academia Scientifica de Beleza

AVENIDA DA LIBERDADE, 35

L I S B O A

TELEFONE N. 3641

Aos amadores de cinema

POSTAIS E FOTOGRAFIAS
DAS PRINCIPAIS ESTRE-
LAS E AZES DO CINEMA
MAIS DE MIL VARIEDA-
DES. A MAIOR COLECÇÃO
== DE PORTUGAL ==

Postais	1\$00
Fotografias 4 1/2x0,6	\$50
» 9x14	2\$50
» 19x24	6\$00

Para a provincia acresce o porte do correio

Papelaria da Moda

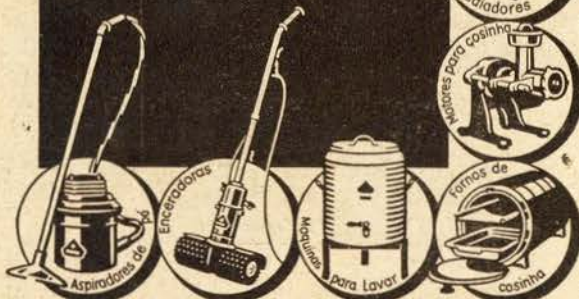
167, RUA DO OURO, 173

TELEFONE C. 257

L I S B O A


PROTOS

Aparelhos electricos para uso domestico



Aparelhagem electrica para uso domestico e industrial

Instalações electricas para LUZ, pelos processos mais modernos. TELEFONES e CAMPAINHAS. Lampadas OSRAM.

Grupos ELECTRO-BOMBAS

CARVÕES para arcos de Maquinas Cinematográficas. PROJECTORES E MATERIAL ELECTRICO PARA PALCO

SIEMENS, L. DA

— LISBOA — — PORTO —
Rua da Prata, 108, 2.º-R. das Carmelitas, 12

Chuva de Maio por Paulo Frazão

VERSOS DE AMOR E DE
VOLUPTUOSIDADE

A' venda em todas as livrarias

Preço 7\$00

PASTA KYNOL



Deposítarios gerais:

SOCIEDADE COMERCIAL
REBELLO DA SILVA LDA.

RUA DOS FANQUEIROS, 44 — LISBOA

Para revenda na provincia, envia-se á cobrança

BLENOX

Magnifico medicamento no tratamento
no tratamento das doenças das vias
urinarias. Melhoras rapidas e cura
certa com o tratamento de alguns dias.

CAIXA 15\$00

Deposito geral: RUA DA PRATA, 153, 1.º
LISBOA



McCallum's Perfection

SCOTS
WHISKY

AGENTES:

SOCIEDADE COMERCIAL REBELLO DA SILVA, L.ª
RUA DOS FANQUEIROS, 44 — TEL. C. 58 — LISBOA

Agentes:

SOCIEDADE COMERCIAL
REBELLO DA SILVA, LDA.

Rua dos Fanqueiros, 44

TELEF. C. 56 LISBOA

SERÁ FORMOSA SE TIVER SAUDE



Facês resacas, labios
vermelhos, olhos bri-
lhantes e um sorriso
encantador, só a

SAUDE os
pode dar.

Mas esta só se
obtem pelo exer-
cicio fisico e
sobretudo por
uma alimentação
scientifica e ra-
cional.

TOME TODDY

As refeições ou fora
delas, frio ou quente e
gostarás uma saude
perfeita.



Fortifica
Acalma os nervos
Aumenta o passo
Destroi a obesidade
Dá um sono reparador

À VENDA EM TODA A PARTE
Agentes exclusivos para Portugal e Colonias

Martua, Lda.
29, C. de S. Francisco, 37, Lisboa, Tele. C. 3167

Compra
ANO II
Numero 16

CINE

Dez. 1929
Jan 1930

REVISTA MENSAL DE ARTE CINEMATOGRAFICA

Director: GOMES MONTEIRO

Editor: ANTONIO CORREIA



Nancy Carroll, a encantadora estrela da «Paramount» apresenta-se num interessante costume de morcego, prevenindo as nossas leitoras de que o Carnaval está próximo

Redacção e administração: Largo Trindade Coelho, 10 - Lisboa
Assinat. - Seis meses: 12\$00 - Ano: 24\$00

Composição e Impressão: R. Diário de Notícias, 78

Proprietario: Pedro Frazão

Depositária: FILIAL DO DIARIO DE NOTICIAS - L. Trindade Coelho, 10-11 - LISBOA
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Na capa Josephine Dunn



O simpático artista Lane Chandler, da Paramount que o público de Lisboa admirou, há pouco, nos «Cabelos de Fôgo» com Clara Bow.

Segredos do Cinema Sonoro

Alguns aspectos da complexa questão do registo e reprodução do som

OS princípios elementares do cinematografo encontram-se hoje largamente vulgarizados. Nenhum cinéfilo ignora que êle se baseia na persistência das imagens na retina e que da successão rápida de aspectos dum movimento resulta a ilusão do proprio movimento.

Mas outro tanto não se pode dizer do cinema sonoro e falado, assunto menos conhecido e que desperta incontestavel interesse, mesmo entre os que duvidam dos seus recursos artisticos.

Já aqui tratámos a questão do cinema sonoro, procurando analisá-la sob o seu aspecto estético. Vamos hoje encarar-la scientificamente, descrevendo os principais sistemas empregados, sem entrar em pormenorizações, sempre fastidiosas para o leitor.

Daremos assim resposta à pergunta de natural curiosidade que decerto já ocorreu a todos os cinéfilos:

— Donde vem o som?

SINCRONISMO

O sincronismo, isto é, a coincidência rigorosa e constante entre o som e a imagem que lhe corresponde, é o principio fundamental do cinema sonoro.

Não são, como se poderia supor, recentes as experiências para a introdução do som e da palavra nas projecções animadas. Já em 1894 Edison tentava a

adaptação do fonógrafo ao «kinetoscópio» aparelho de visão individual que foi um dos precursores do cinematografo. Mas a sincronização obtida era deficiente e só cerca de oito anos mais tarde Gaumont conseguia com o seu «cronophone», resultados notaveis neste sentido.

Estas tentativas não chegaram contudo a sair dos domínios do laboratório e só mais recentemente os aperfeiçoamentos alcançados permitiram a exploração industrial do cinema sonoro e falado.

Os processos de registo do som, de que depende em grande parte o sincronismo na projecção, são actualmente muito numerosos. Mas embora diferindo em pormenores técnicos, encontram-se todos baseados num dos seguintes principios:

— Sincronização do fonógrafo e inscrição do som sobre o disco;

— Transformação das vibrações sonoras em vibrações luminosas, fixadas fotograficamente sobre película.

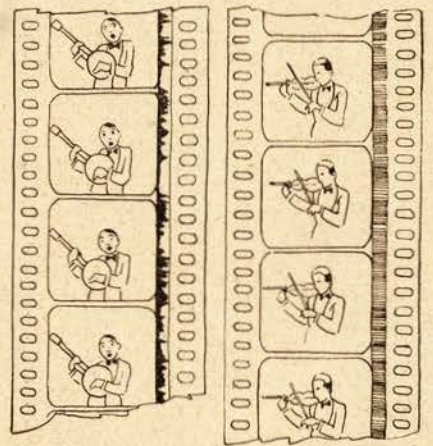
Muitos dos aparelhos apresentados no mercado encontram-se equipados para utilizar os dois sistemas. E não é facil, presentemente, dizer qual deles reúne maior número de vantagens, e a qual caberá portanto o triumpho.

REGISTO MECANICO

O peso, a fragilidade, e a pouca duração dos discos são os principais incon-

venientes deste sistema que tem sobre o registo fotografico a vantagem duma maior modicidade de preço.

O número de audições dum disco não



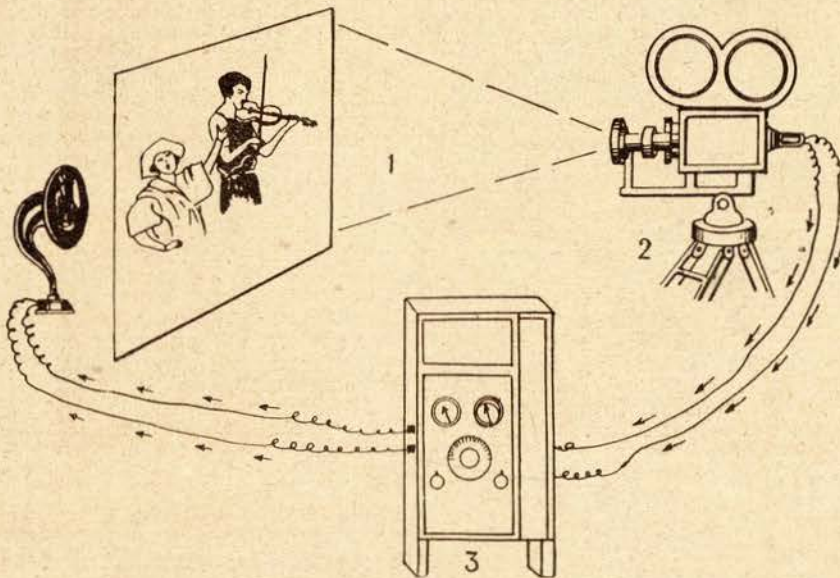
Reprodução de filmes com registo do som sincronizado à margem. A' esquerda pelo processo de superfície variável; à direita por densidade variável.

deve ultrapassar vinte e quatro. Atingido este limite procede-se á sua substituição, o que vem agravar consideravelmente o custo inicial.

Por outro lado, a gama de vibrações é mais reduzida no processo mecânico do que no processo fotografico. Nas notas graves a agulha move-se lateralmente e acontece por vezes destruir a gravação da linha anterior. Nas notas agudas a agulha, vibrando verticalmente, pode saltar sobre a superfície do disco e falsear o som.

Na adaptação ao cinema o aparelho fonográfico sofreu diversas alterações. O registo faz-se a partir do centro para a circunferência, isto é, em sentido oposto ao que é geralmente adoptado. O diametro dos discos, que é nos modelos usuais de 30 centímetros, foi aumentado cerca de 10 centímetros e a velocidade de rotação reduzida a metade. Deste modo a duração dum disco de cinema corresponde a quatro vezes a de um disco vulgar e coincide com a projecção de uma parte do filme. O número de discos e de partes é portanto idêntico na mesma produção.

O aparelho mais conhecido, utilizando este processo, é o «Vitaphone». A sincronização é aqui obtida por processo me-



Esquema duma projecção sonora. O som partindo da projectora (n.º 2) vai passar pelos amplificadores (n.º 3) e é reproduzido pelo alto falante colocado detraz do «écran» (n.º 1)

cânicos que mantêm em perfeita concordância a marcha do projector e a do prato sobre que assenta o disco.

REGISTO FOTOGRÁFICO

O processo empregado para o registo dos sons sobre película é, na sua essência, facilmente compreensível.

No sistema Movictone, por exemplo, os sons recebidos pelo microfone são transformados em energia eléctrica, que vai alimentar uma lâmpada especial conhecida pelo nome de «Aéo-light». Esta lâmpada segue fielmente as vibrações da corrente recebida, e inscreve sobre a película uma série de traços de transparência proporcional à intensidade do som. O registo assim obtido chama-se de densidade variável, em oposição a outros processos em a densidade da fotografia é fixa e a superfície impressionada variável. No sistema Gaumont-Petersen-Poulsen, que utiliza este último processo, a corrente eléctrica proveniente dos amplificadores põe em vibração um pequeno espelho contido num tubo de óleo entre os polos de um electro-iman. Este espelho reflecte a luz duma lâmpada de intensidade constante, e o foco luminoso, sujeito às oscilações, vai inscrever na película em movimento uma imagem alongada, semelhante a uma serra de dentes desiguais.

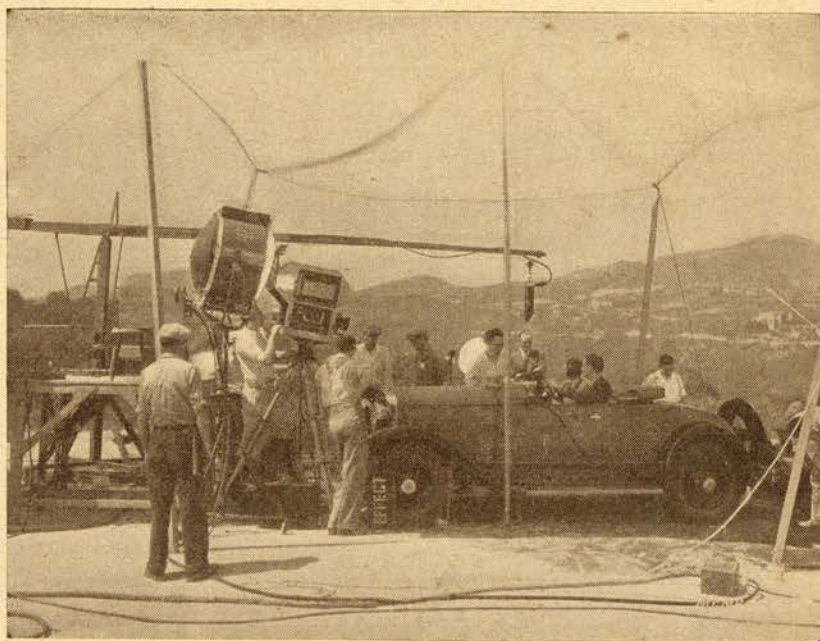
Em todos os sistemas o registo do som e das imagens é feito sobre películas diferentes, movidas em perfeito sincronismo. A imagem-som é depois reunida no positivo à imagem-visual, ocupando uma estreita margem de película que vai de 2 e meio a 3 milímetros. A razão deste facto é que a deslocação da película para o registo do movimento se faz com intermitências de fracção de segundo, ao passo que no registo do som essa deslocação deve ser rigorosamente continua.

Na projecção o aparelho reprodutor do som encontra-se geralmente um pouco abaixo da lanterna usual. A mesma diferença na deslocação da película se observa neste caso, mas os dispositivos mecânicos permitem manter o sincronismo dos dois movimentos.

Neste reprodutor uma pequena lâmpada ilumina o filme através duma fenda cuja largura varia entre 1/100 a 1/300 de milímetro. O delgado fio de luz resultante, modificado pela passagem da película, vai incidir sobre um célula de selénium.

Este metal, — que tornou possível pela sua maravilhosa propriedade a telefotografia e a televisão — sendo na obscuridade absolutamente impermeável à corrente eléctrica, perde esta característica e torna-se bom condutor na proporção da luz recebida. O raio luminoso vai deste modo fazer variar, em concordância com o registo fotográfico, a passagem duma corrente de cerca dum microampère que, transmitida aos amplificadores, e por estes aos alto-falantes colocados defra do «écran», restitui o som,

Como já dissemos, este sistema, além do seu custo elevado, apresenta numerosos inconvenientes. A revelação e tiragem do positivo exigem cuidados meticulosos, e uma vez a película em uso, qualquer arranhadura na sua superfície corresponde a uma perturbação de som. A gama de



Aspecto duma tomada de vistas e sons

vibrações registáveis é, porém, mais extensa e o sincronismo está assegurado mesmo na hipótese de ruptura do filme.

O FIO SONORO

Como vimos, todos os sistemas que deixamos sumariamente expostos apresentam maior ou menor numero de desvantagens, e as soluções estão portanto longe de ser perfeitas.

Um invento ultimamente anunciado faz-nos porém prever uma profunda alteração nestes processos. Trata-se do registo sobre fio metálico que os trabalhos do Dr. Stillé permitiram tirar do domínio das experiências para o das aplicações práticas. Este fio, composto duma liga de ferro, cromo e outros metais, é submetido a uma acção eléctrica variável que faz alterar a composição magnética das moléculas. O fio assim impressionado pode ser batido ou polido sem que o som seja com isso prejudicado, o que é compreensível visto o registo não ser obtido por processos mecanicos.

A exploração industrial deste processo é feita em Inglaterra pelo grupo financeiro Blattner, que o apresentará sob o nome de «Blatterophone» tendo sido recentemente aplicado pela primeira vez na filmagem duma película sonora. O fio parece, porém, destinado a ser substituído por fita metálica perfurada, para maior perfeição do sincronismo.

Na opinião dos tecnicos mais autorizados é este o processo que oferece presentemente maiores probabilidades de sucesso.

*
* *

Acabamos de descrever a traços largos o lado scientifico do cinema sonoro nas suas diversas soluções. O nosso conhecimento de tão complexa questão é bas-

tante longiquo, e não retendemos estabelecer juizos técnicos definitivos. Mas o assunto interessa-nos também como espectadores, visto que o crítico é apenas um espectador que tem por dever exprimir opiniões.

O sucesso do cinema sonoro é um facto incontestado. Na nossa opinião, ele não terá como consequencia a morte artistica do cinema mudo. A evolução a que assistimos oferece mesmo uma excelente oportunidade para o desenvolvimento das correntes da vanguarda. Todavia o cinema feito exclusivamente de combinações de imagens está condenado a desaparecer das salas de espectaculos num periodo mais ou menos curto.

A principal dificuldade que a introdução do cinema sonoro entre nós ainda apresenta é a questão das linguas. A projecção de «talkies» em inglês só seria aceitavel como experiência; a exploração seria, contudo, possível com a exhibição de filmes sonoros e musicais não dialogados.

O equipamento das salas para projecções sonoras não é actualmente tão difficil como se supõe. De facto, as primeiras instalações feitas na Europa pela poderosa companhia «Western Electric» custavam cerca de 25 mil dólares, e só eram portanto accessíveis ás grandes salas de espectaculos. Os progressos da industria europeia motivaram porém um consideravel abaxamento de preços. Algumas instalações actualmente apresentadas no mercado permitem a adaptação do reprodutor de sons sobre qualquer aparelho de projecção usual, e o seu custo completo é de 36.000 francos, ou sejam cerca de 30.000 escudos.

Estes factos fazem-nos esperar que a apresentação de filmes sonoros em Portugal se fará mais brevemente do que em geral se supõe.

Manuel Luis Rodrigues



A PRISÃO DE CABELOS DE OIRO

Ser loira, em Hollywood, significa candura, mas, bem entendido, apenas para efeitos de interpretação cinematográfica...

O que significa, para bem das mulheres de cabelos de ouro, que ali é ignorada aquela frase gaulesa: «loira, perfida como a onda...»

Alice Day, que considera êsse conceito antipático como uma das mais amáveis e encantadoras boutades francesas, esforçou-se, durante muito tempo, para o propalar em Hollywood.

Ninguém lhe deu ouvidos, e o mais grave é que o seu empresário continuou a distribuir-lhe papeis de ingenua,

A artista, convencida de que poderia alcançar maior êxito num género de papeis opostos aos que até agora tem interpretado, vendo, nos seus cabelos, a prisão doirada do seu sonho artístico tomou uma resolução heroica: tingi-los de negro.

A SOBREVIVENTE

Grace Cunard, Ruth Roland e Pearl White constituíram, ha uma dezena de anos, a omnipotente trindade feminina das famosas fitas em séries... infundáveis.

As duas ultimas foram destronadas para sempre.

Grace Cunard, que foi a interprete de «A Moeda Quebrada», exibida ha quinze anos, no Politeama, era mais artista do que qualquer das outras duas, embora não tivesse conseguido conquistar a popularidade de Pearl White.

Quando as peluculas em séries caíram e com muitissima razão — no desagrado do publico, Grace Cunard trocou o cinema pelo teatro.

Com o advento da pelucula sonora, regressou de novo ao cinema, tendo sido contratada pela Metro. Segundo corre em Hollywood, ainda é bonita. Acreditamos. E ainda é nova — dizem. Talvez, mas duvidamos que ainda esteja na primeira

mocidade a artista que há 15 anos iniciou uma melancolica marcha para a segunda.

AS DUAS ACÇÕES MAIS OUSADAS

Gloria Swanson não acredita que o amor seja eterno e, conseqüentemente, o casamento perduravel não tem para ela expressão veridica. Até hoje a celebre star ainda não proclamou, por palavras, aquelas duas afirmações pessimistas e dissolventes, mantendo-se assim coerente com a arte a que se dedicou: a arte do silencio... E como nesta arte o gesto é tudo, Gloria Swanson não cessa de manifestar



A formosa Raquel Torres pinta os lábios pelo processo de carimbo. Tendo um molde dos seus lábios, feito em madeira, applica-lhe «baton», que depois imprime na sua boca encantadora.

as duas referidas opiniões, divorcando-se continuamente e incessantemente mudando de amores, — tendo-se ha um mês, separado do seu aristocrático marido.

Wallace Berry, que foi um dos primeiros senão o primeiro marido da interprete de «Madame Sans Génie», fez só-

bre a sua ex-mulher esta irónica afirmação:

— As duas acções mais ousadas da minha vida? Ter sido domador de feras e marido Gloria Swanson!

O CATOLICISMO EM HOLLYWOOD

Fundou-se recentemente em Hollywood uma associação católica de actores cinematográficos, a qual, na sua primeira reunião, nomeou presidente James Ryau, artista desconhecido em quasi toda a Europa e ignorado em quasi toda a America.

Esta colectividade não é das mais importantes, em Hollywood, em virtude de possuir poucos sócios. Dos actores que a ela aderiram o mais categorizado é Rod La Rocque.

As actrizes podem, em virtude do seu escasso número, citar-se todas: Colleen Moore, Nancy Carrol, Olive Borden, Sally Blane, Nancy Drexel e Carmelita Garghty. A maioria dos artistas segue a religião protestante e os restantes a hebraica, a maometana e a ortodoxa russa. Há tambem os que não seguem nenhuma, e, entre estes últimos, contam-se algumas das mais celebres stars.

A NEGRA INFANCIA DE KING VIDOR...

King Vidor, o realizador da «Grande Parada», teve, como aconteceu com os mortais, infância. E dela recorda factos que mais feriram a sua imaginação, tal como acontece com toda a gente — excepção feita aos amnesicos...

O eminente Vidor tenciona agora publicar as suas memorias que não são, positivamente, côr de rosa. Se fosse escriptor, relata-las-ia em livro; como é cineasta resolveu condensá-las num filme.

«Hallelujah», assim se chama a referida pelucula, é um drama preto interpretado por pretos. O entreccho resume-se a uma história verídica — vida negra de uma familia negra — desenrolada no Texas, alguns anos depois de King Vidor ter deixado de ser alimentado a biberon.

O realizador de «A Grande Parada» declarou a um jornalista que essa película ficará na sua carreira cinematográfica marcada com uma pedra branca...

A VOGA TRAGICA

Estão em moda os filmes de aviação donde se infere que, em Hollywood, os desastres de aviação se vão multiplicar.

William Hauber e Alvim Knechtel, ambos aviadores, sendo o segundo também operador cinematográfico, encontraram morte no momento em que procuravam o campo para aterrar, a fim de combinarem a filmagem duma scena da película «O Avião», que tem como principais interpretes Tatsy Ruth Miller e Edward Horton. O desastre foi motivado por um súbito deliquio do Kuechtel, tendo o aeroplano caído com tal rapidez que também não pôde servir-se do seu pára-quadras.

O ACTOR MAIS RICO

George Fawcett é, segundo dizem as crónicas, o actor mais rico de Hollywood. Toda a sua existência tem decorrido no meio de grande ostentação de riquezas. foi sempre nababo, e nababo feliz. Nunca teve complicações sentimentais, nem sequer a sua fortuna lhe acarretou o ódio dos invejosos.

George Fawcett é milionário desde os 20 anos. É milionário filantropo, que não hesita em despojar-se duma boa parte da sua fortuna para acudir à desdita dos sem pão.

Tem 70 anos, e continua sendo imperturbavelmente, um homem riquíssimo. É claro que a fortuna de George Fawcett pertence, inteiramente, aos papeis de milionário que, no teatro e no cinema, tem desempenhado com extraordinária habilidade.

AS QUINZE MÁRTIRES DE HOLLYWOOD

A dar crédito a noticias divulgadas pelas revistas que se publicam na Cinelândia, as coristas e bailarinas de Hollywood em vez dum chapéu da moda, bastante sobrio, portanto, ostentam corças de espinhos, conquistadas pelo martírio sofrido na sua vida profissional. As coristas e bailarinas da First National pertencem

ao número das que se podem vangloriar de merecer as palmas do martírio, pois no mês transacto, perderam os sentidos, varias vezes, durante os ensaios, quinze destas encantadoras raparigas.

A causa destes desmaios pode resumir-se numa frase: muito trabalho e pouca alimentação.

É claro que na confecção dum filme o tempo é dinheiro e os artistas trabalham muitas horas por dia, a fim de evitar que ele saia ruinoso à empresa que o edita.

Quanto à alimentação deficiente, tratava-se da dieta a que as quinze mártires se submetem, a fim de conseguirem emagrecer. Ao ter conhecimento desta noticia, um dos pobres «extras» que vagueiam por Hollywood, magro à força de sofrer miséria, teve este comentário sarcástico:

— Triste profissão a nossa! Se não trabalhamos, falta-nos o dinheiro para comer; se trabalhamos, não podemos comer apesar de termos dinheiro. Quando soará o dia em que se deixa de passar fome por falta de trabalho ou por excesso de gordura?

A VERDADEIRA RAZÃO

Discute-se muito, em Hollywood, as causas da atracção que o cinema exerce sobre as raparigas. E deve dizer-se que essa discussão não é ociosa, visto que a capital universal do filme é, diariamente,

invadida por centenas de raparigas, na sua maioria, bonitas e autenticamente fotogenicas.

As opiniões estão muito divididas, merecendo, porém, ser referidas, as das «stars», visto que devem, neste assunto, falar de cátedra.

Nancy Carroll, que é de origem irlandesa, declara-se convencida de que a moda real, que move essas raparigas é a vaidade. E para reforçar esta sua opinião acrescenta:

— Todas elas seriam capazes de sacrificar a sua vida só para que todo o mundo as discutisse. Sei que não estou fazendo afirmações gratuitas, visto que a vaidade, esse mosquito impertinente, não deixou de me incomodar com as suas picadas venenosas...

Clara Bow tem uma opinião semelhante à de Nancy Carroll.

Ester Ralston diverge. Para ela, os honorarios fabulosos, mais do que a vaidade, tem o condão de despertar, em muitas raparigas, o desejo de serem admitidas nos «studios».

Aquela artista fala com conhecimento de causa, pois conseguiu em poucos anos amearhar uma razoavel fortuna.

Quanto a nós, todas estão na verdade: Clara Bow e Nancy Carroll tem razão. E, por seu turno, Ester Ralston também tem razão.

A celebridade é a parte agradável e o dinheiro a útil. Reunir o útil ao agradável sempre foi a maior e a mais vulgar das ambições humanas...



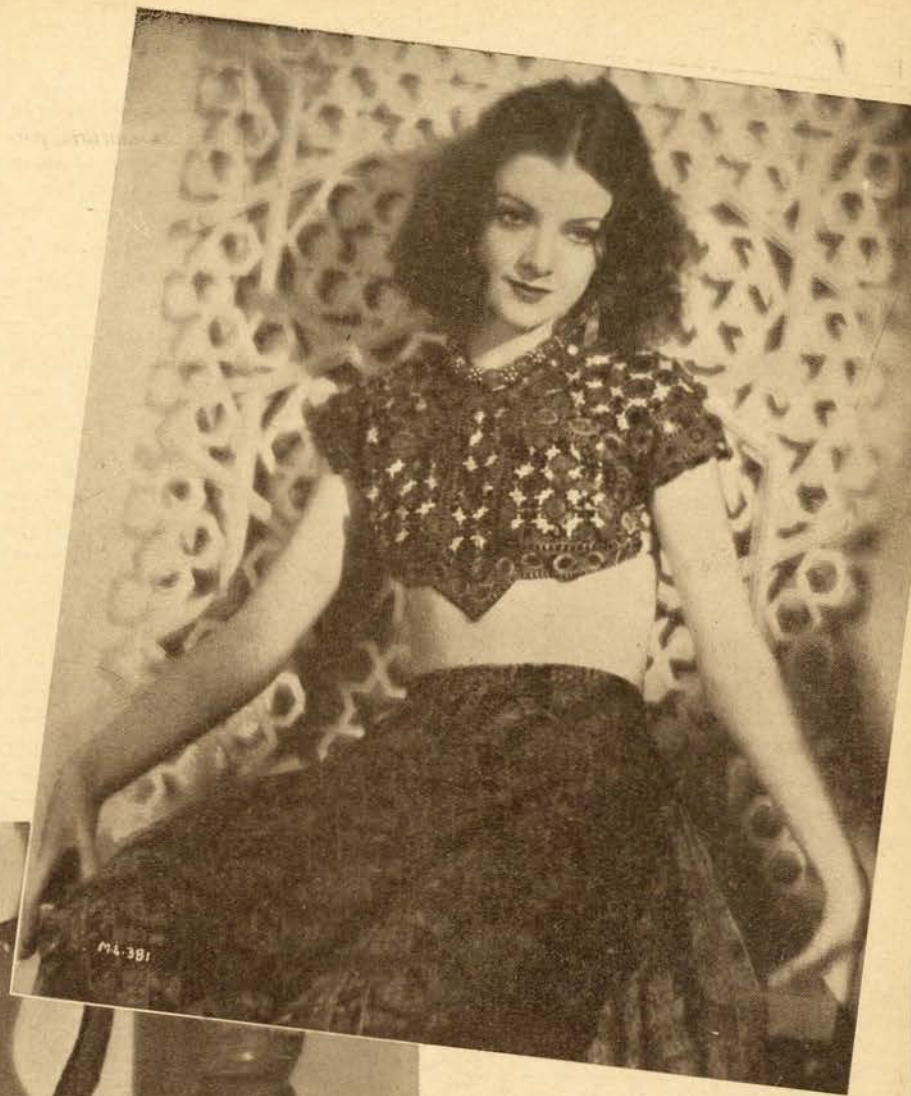
Bessie Love entre uma verdadeira inundação de celuloide: — os milhares de metros de filmes em que tem trabalhado.

Myrna Loy

a sereia
do deserto



MYRNA LOY, a irrequieta filha da região de Montana, começa a fulgurar intensamente em toda a extensão do seu cinematográfico. Mas quem é afinal Myrna Loy?



Myrna Loy, ou antes Myrna Williams, nasceu há vinte anos junto aos pinheiros de Montana, que fica entre S. Francisco da Califórnia e Chicago.

Criada ao ar livre e sadio das serranias, Myrna, apesar do seu ar tímido de gazela, sente a volúpia ardente da liberdade. Os seus traços não denunciam uma raça. Nas suas veias corre sangue gaules, escocês e sueco. Quando essa mulher surge diante de nós, parece que estamos em frente duma divindade oriental nimbada de ternura, mistério e fatalidade. Tem os olhos castanhos — dizem — mas ninguém sabe ao certo a cor dos olhos de Myrna Loy. E' um castanho com scintilações verdes, como certas gemas preciosas. Os seus cabelos têm fulgurações arruivadas.

Pois essa fera adorável estendeu as garras afiadas sobre o jovem Barry Norton — o soldadinho do «Preço da Glória» — e ha de devorá-lo com certeza.

Como surgiu essa terrível vampiresa? Ela própria faz a sua confissão:

«Nasci em Montana e nunca frequentei uma escola. A minha instrução foi feita em cursos particulares. Tive sempre uma grande tendência para o desenho e para a escultura. No entanto, a minha primeira vocação foi a dança. Posso dizer que comeci a aprender a dançar com os meus primeiros passos. E a minha vida foi decorrendo numa dança graciosa e interessante

«Quando vim para Los Angeles am-



altura, eu própria arranjei dialecto para a «Azuri» com os meus parcos conhecimentos de francês.

Agora apareço no filme technicolor «Sob a Lua do Texas» e conto tomar parte em varios filmes falados. Vem a proposito dizer que os filmes falados tiveram sempre um alto significado na minha carreira.

Na tela muda, eu nunca poderia ter triunfado. Não tenho o tipo a que o publico se habituou. Felizmente, o cinema falado abriu mais largos horizontes...

Eis Myrna Loy, a fera graciosa que empolgou nas suas garras, segundo parece, o soldadinho do «Preço da Gloria».

Quando se fita Myrna Loy tem-se a impressão de estar vendo uma mulher feia, muito feia. Mas ao cabo de alguns minutos essa fealdade transfigura-se e começam a surgir os encantos. Tudo cativa nessa extraordinária mulher... Os seus olhos nostálgicos que teem, por vezes, fulgurações selvagens, os seus cabelos revoltos de Medusa tentadora dos nossos tempos, a graça flexivel das suas formas, tudo nessa criatura atrai e seduz...

Myrna Loy é um mistério, uma fascinação...



pliei mais linda os meus conhecimentos de dançarina. Comecei com os exercicios de bailados, passando, em seguida, às danças espanholas e orientais.

Ah! o Oriente... como me fascina!

Tempos depois, dançava eu no Grauman's Chinese Theater, em Hollywood, onde conquistei alguns aplausos. Natacha Rambova, tendo visto fotografias minhas, escolheu-me para um número de «girls» dum filme seu. Deram-me um lindo vestido preto com uma cauda soberba...

...E assim entrei para a Warner Bros...

Myrna Loy apareceu deslumbradora no «Don Juan», de John Barrymore. Foi um dos seu primeiros papeis e conseguiu evidenciar-se junto de Estella Taylor. Vieram depois mais filmes, entre os quais «State street sadio», que Myrna detestava.

O seu primeiro êxito, o seu grande êxito foi no filme «A Canção do Deserto», no qual Myrna fez o papel de «Azuri», a heroína da opereta de Sigmund Romberg.

Myrna Loy volta a falar a este respeito:

«Arrostei com enormes dificuldades para que o papel me fôsse dado. A oportunidade é sempre difficil de alcançar. «Azuri» era um papel dramático e espinhoso e eu tinha pouca experiencia. Enfim, insisti e conquistei-o. Apelei para todos os meus recursos e triunfei. O filme «A Canção do Deserto» foi feito antes de ter sido instituida nos studios a praga dos professores de declamação. Nessa

O seu «critico cinematográfico» ignorava que a Mongólia existia e fora, noutros e recuados tempos, um império. E para que eu acredite tão flagrante delicto de ignorancia jura, com precipitação e solenidade, que ele, de facto lhe afirmara que a Mongólia era um país fantasioso. Era inútil, tão inútil como o dar-me conhecimento de que ele não compreendera a película.

E' que o seu «critico» cinematográfico que ignora geografia e desconhece a Mongólia, não sabe do cinema — salvo as pitorescas biografias de artistas que algumas revistas estrangeiras inserem, fantasiosas como um conto azul — senão o que toda a gente entende, quando assiste, de olhos abertos, à projecção de um filme banal. O seu «critico» frequenta a «Chic» que é, não o esqueça, a Hollywood portuguesa. E essa convivencia, com alguns extraordinários interpretes que nunca interpretaram, com *metteurs-en-scène* sem capacidade de realização e ainda com *empresários* — não faça gestos de admiração! — que nunca dirigiram ou fundaram alguma empresa, asseguralhes o direito de asneirarem em letra redonda e conseguirem fazer publicar as suas burrices comprometedoras e ofensivas de todas as regras do bom senso, de todas as leis da moral e de todas as solicitações da intelligencia, em jornais cujas redacções e direcções são espantosamente abstractas ou deploravelmente amaveis.

Porque — e para deixarmos em paz o assunto — para criticar teatro é necessário, pelo menos, ser bipede — e para criticar cinema se não faz uma exigência tão legitima e tão racional?

*

* *

«A Tempestade na Asia», que lhe causou, segundo parece, uma tempestade no cerebro, é um genuino filme russo. Isto é, não se trata de uma produção norte-americana faltando-lhe, portanto, o galã de expressão estupida e parada, desportivo e banal como muitos frequentadores dos cinemas do Novo Mundo, a *wamp*, genero Greta Garbo, nas suas inúmeras e sempre iguais criações e a intriga amorosa que tanto agrada aos «jovens de todas as idades».

E do principio ao fim, como V. se lembrará, talvez com irreprimivel amuo, não ha um só dos beijos tão queridos das meninas de olheiras violaceas e dos meninos que se pintam como certas meninas...

V. gostou — sem acertar com as razões porque essa impressão se radicou no seu espirito. E es-

tranhou que — imperdoavel ingenuidade, só comparavel á do seu «critico» — não se tratasse de uma comédia dramática desfechando num casamento, e ainda com a ideia, que lhe parecia de-

A Tempestade na Asia

Em volta de uma formidável criação cinematográfica russa

Carta a uma cinefila



prender-se do titulo, da intriga se desenrolar sob um ceu tétrico e umachuva implacavel, dando aos espectadores, além duma catadupa de imagens monotonas, o direito de suspeitarem, com lógica, o perigo duma pneumonia em que incorreu cada um dos interpretes.

Afinal, «A Tempestade na Asia» era, e sou dizendo-o, um pouco, o interprete da sua admiração, uma película grande e bela como a vida, onde surge, diante dos olhos deslumbrados, em imagens inolvidaveis, uma Mongólia desolada, erma, trágica — e veridica. E depois a gente isolada e primitiva da Mongólia. E, em seguida, a outra, a que se junta para lutar pela vida, a que é vitima do estrangeiro insolente e traficante, que a oprime, a avilta e a rouba. E a que, ao contacto desta opressão, se revolta para lutar com heroismo pela sua independencia, aproveitando os accidentes do terreno para atenuar um pouco a inferioridade e a exiguidade do seu armamento. E, por fim, a Mongólia religiosa, fiel às velhas crenças, apagada inabalavelmente às extravagantes cerimónias do culto.

As personagens são arrancadas, latejantes de vida, ao grande drama que, de ha anos, se vem desenrolando, com surpreendente rapidês, naquelas estepas infindas. A realização de Pudowkine — admiravel Inkiginoff — deixa a perder de vista certos artistas universais.

Os outros artistas não valerão Inkiginoff, não serão, talvez, artistas profissionais, mas souberam dar às suas personagens uma realidade tão poderosa e uma verdade tão intensa — que neles não se «sente» o artista. Se na maioria das películas se verifica o erro crasso de meia duzia de artistas andarem à procura de personagens que nunca mais encontram, em «A Tempestade na Asia» só se vêem as personagens, de tal modo os artistas souberam ocultar do publico tudo o que lhes desse uma ideia do talento e do esforço dispendidos para se parecerem com elas.

No fim, ha um simbolismo estranho, incompreensivel — diz V. para não deixar o «critico» sosinho. Não insisto sobre esse ponto; limito-me a asseverar-lhe que ele, sendo uma alusão transparente à revindita de 400 milhões de almas, consegue fazer-se, só por isso, compreender por todas elas. Pergunte se a Inglaterra o compreendeu...

Se o «critico» não entendeu e, em letra redonda disse mal, a Critica aplaudiu. E com ela os que, neste país, ainda sabem defender, com brio, os direitos da intelligencia e da sensibilidade!



Pour les lecteurs "Cine"
mon meilleur souvenir
Renée Héribel

RENÉE Héribel, a talentosa intérprete dos filmes «Cagliostro» e «Trois masquès», envia aos leitores da nossa revista a sua melhor recordação. A sua expressão tão linda e tão suave vibra mais docemente do que as cordas da sua guitarra.

RENÉE HERIBEL

por

Carlos Alberto Ferreira

O JORNALISTA

(ao telefone) O' menina! E' a quinta vez que lhe peço Wagram 13-59...

A TELEFONISTA

...13-59?

O JORNALISTA

Sim, minha menina. E' o telefone de Renée Heribel...

A TELEFONISTA

(numa voz que sorri) Ah!... Gosto muito dela!... E' uma rapariga encantadora, uma grande actriz do cinema!...

O JORNALISTA

Ainda bem, menina. Entao veja lá se...

A TELEFONISTA

Como se chama o filme que ela vai interpretar?

O JORNALISTA

Não sei, a menina não me deixa saber!... E' mais facil falar de Lisboa para Paris que de Montmartre para o Etoile!...

A TELEFONISTA

O Sr. esquece-se de que a Espanha tem sempre hora marcada.

O JORNALISTA

Perdão, menina: Lisboa está em Portugal.

A TELEFONISTA

Para nós, Portugal é a Espanha.

(falando às suas companheiras)

Vou ouvir a voz de Renée Heribel!... E', assim, exactamente assim, que começa a entrevista!...

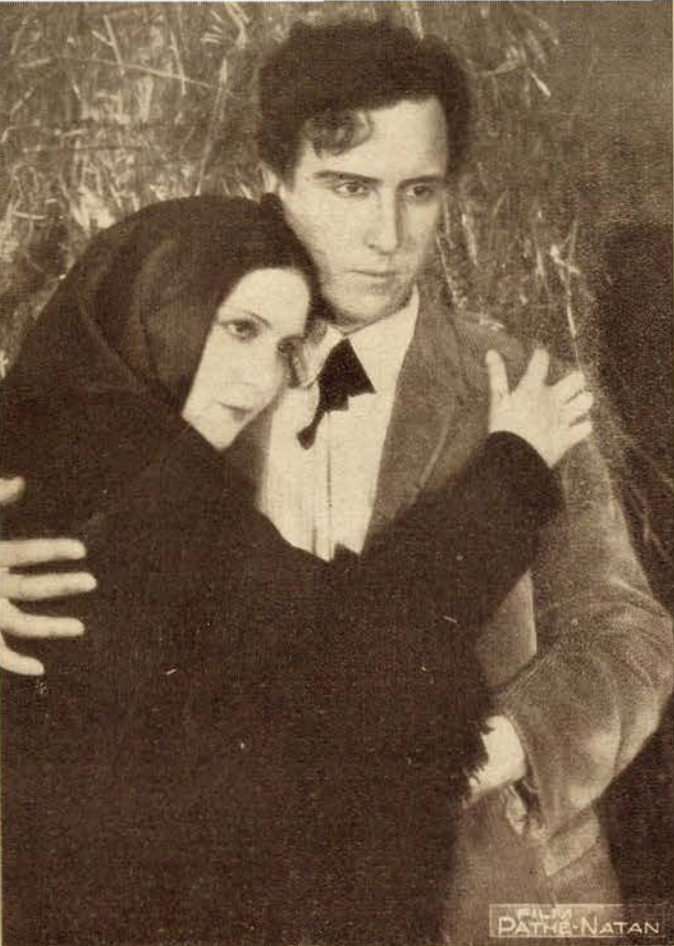
numa *bergère* a um metro do meu lapis, com um *deshabillé* de seda de ramagens que desvenda o colo à minha admiração, um colo puro e branco como um lirio! quantos desejariam vê-la assim, a falar com alegria, a gesticular com graça, a rir com vontade! Se na sua voz ha uma ternura que o aparelho Tobis não consegue transmitir, nas suas atitudes ha a mesma sinceridade que o *ecran* já ha muito nos mostrou. Depois, reúne a distinção à simplicidade; é generosa, tem uma bela alma!

Sobre uma mesa ha um montão de cartas e postais com

Uma fascinadora expressão de Renée Heribel, ante a qual sentimos o magico perfume do «*tais-toi m o n cœur...*»



Tarde de chuva, de muita chuva, e um taxi perdido entre ruas amplas que se abrem e prédios majestosos que se levantam, num bairro que vai ter elegancia e que já tem moradores de vida cara. E' aqui, junto às antigas barreiras de Champerret, a rua Albert Samain; e nesta rua, quasi desconhecida pelos parisienses, fica a nova residência da heroína do primeiro filme falado com a marca «France». A heroína chama-se *Renée Heribel* e o filme *Les Trois Masques*. Renée Heribel! um bonito nome de mulher que pertence a uma mulher ainda mais bonita, «a estrela mais linda do *ecran* francês» — diz muita gente. E agora ...ei-la diante de mim, esbelta e sorridente, a graciosa figura da grande artista que chama o publico ao cinema como um sino que chama os fieis à oração. Grande artista disse eu? Sem duvida possível. Hoje, em França, Gina Manés e Renée Heribel confirmam o parecer de Greta Garbo e Dolores del Rio que se reduz nesta frase: «A Europa tem estrelas que podem brilhar entre as estrelas de Hollywood; o que lhes falta não é o talento, é a publicidade». Ei-la, num salão sem côres nem traços de futurismo, num aposento confortavel com arranjo de bom gosto. O contraste entre a sua expressão e a expressão grave e serena de Gloria Swanson é flagrante. Quantos e quantos, por esse mundo fora, desejariam vêr Renée Heribel como eu a vejo, sentada



Renée Heribel no filme falado «Les Trois Masques» produção francesa de André Hugan, edição Pathé-Nathan.

selos de vários países. Renée Heribel que me surpreende a olhar para tantos pedidos de retratos e autografos, rompe: «Este pacote representa o correio duma semana! . . . Consegri o dia de ontem à correspondência para o estrangeiro e não consegui «ficar em paz».

— Responde a todas as pessoas que lhe escrevem?

«Sempre.

— E' uma gentileza que custa uma fortuna!

«O Sr. não faz ideia, não pode fazer uma ideia!

O correio que recebo, ah! não se acredita!

— De Portugal, também?

«Ah! Ah! Ah! quer vêr correspondência do Algarve?

— E' uma das nossas provincias.

«E no Algarve ha cidades que se chamam Faro, Portimão, Tavira...

— Exactamente.

«Mas conheço outras terras: Porto, Braga e Coimbra.

E constato que Portugal tem uma grande representação entre os coleccionadores da Europa, redigindo os seus pedidos num francês correcto. Leio algumas cartas assinadas por cinefilos que conheço...

«Com o dinheiro que gasto em retratos e selos para os meus admiradores podia sustentar uma familia com dôze filhos!»

— Corte a verba. . .

«Não, isso não. Tenho prazer em ser agradável a quem se lembra de mim.

A seguir, entro na ordem dia:

— Dos seus tres ultimos filmes, qual prefere? *Les Trois Masques*?

«Não.

— *Le Rapide de Sibirie*?

«Prefiro *L'Inconnue*. E' o filme em que me sinto mais dentro de mim, Sinceramente agrada-me. Entretanto, sob o ponto de vista técnico, *Le Rapide de Sibirie* é uma boa realização, um filme para agradar a qualquer publico. Righelli é um grande artista! Dum scenário insignificante, que modificou à sua maneira, fez uma obra digna de elogio. E' tão agradável trabalhar com um realizador que conhece o seu officio!

E aprende-se tanto!

— Sinto que não gosta muito dos *talkies*, hein?

Renée Heribel tem um gesto vago que me diz: não são esses os filmes da minha simpatia.

E conclui assim:

«Gosto mais do filme sonoro que do filme falado.

— Pois eu, minha senhora, vou dizer-lhe sinceramente o que penso: ainda não vi um filme falado que me agradasse; e *Les Trois Masques* está muito longe de me conquistar... tem poucas qualidades e muitos defeitos... Refiro-me à realização...

Mademoiselle Heribel não responde.

— Esta manhã vi a celebre película de Conrad Veidt, *Terre sans femmes*. Garanto-lhe que a versão sonora e falada destroi por completo a emoção que o grande actor devia arrear com o seu trabalho verdadeiramente magistral. A versão muda tinha mais interesse e mais tragedia. Dominava...

Mademoiselle Heribel não responde e eu, para mudar de conversa, pergunto-lhe se tem algum «scenário» em estudo, algum projecto...

«Um grande projecto: descansar! Preciso descansar. Veja o trabalho que produzi nestes ultimos meses! O estudio fatiga adoece... Tenciono fazer uma viagem até Marrocos.

— Em avião, talvez?

«Sim, senhor, num avião particular.

— Não tem medo?

«Ora, ora! O medo é para as crianças. Espero mes no galopar no deserto.

— Gosta de montar a cavallo?

«Imenso! A equitação é o desporto do meu ideal!

— Então... tres meses de férias?

«Impossivel. Um mês, se tanto. Tres meses?!

Deus me livre!... Propostas para filmar na França e na Alemanha não me faltam, mas, por enquanto, não tomei compromissos... Não quero, por preço nenhum...

— Ouvi dizer, ha dias, que a senhora exige muito dinheiro para interpretar um filme?

«Sou uma artista que se faz pagar; confesso que sim. Trabalho no cinema por vocação, mas quero que me recomensem dignamente, senão...

— Hollywood, claro?

«Sinto-me bem na Europa. E se mais não trabalho é porque não quero.

Uma criada vem anunciar o Sr. B...

«Que espere um pouco.

Levanto-me.

Renée Heribel insiste para que eu fique mais uns instantes. Tem várias entrevistas marcadas até às 8 horas, mas não quer que eu saia sem lhe falar na Espanha onde tenciona passar alguns dias. Recorda-se de Madrid, Sevilha — uma «alegria» que Paris não oferece.

«Gosto tanto do sol e das flores! . . . Como não posso ter um jardim, no meu salão tenho apenas vários ramos de rosas, sempre, sempre! . . . Veja: que lindos, que aroma! . . . (e afaga com os olhos, cheios de meiguice, as flores que lhe grinaldam a mesa de trabalho).

Eu, aproveitando o instante em que ela se deixa impregnar de aromas, peço-lhe em nome duma senhora de Lisboa, para me dizer como se chama o perfume do seu uso, porque, em Paris, as artistas e outras damas de prestigio têm um perfume de eleição. Renée Heribel solta uma gargalhada: não é a primeira nem deve ser a ultima vez que a interrogam sobre perfumaria. E, amavelmente, satisfaz a curiosidade:

«Como sabe, os grandes costureiros vendem perfumes; agora, a casa que nos veste é quasi sempre a mesma que nos perfuma. A moda é assim! . . . O frasquinho que tenho sobre a minha *coiffure*, vem do costureiro Drecoll e chama-se — o Sr. vai achar graça — chama-se *tais-toi mon coeur!*

Ha risos, muitos risos, e ha um relógio que anuncia quatro horas!

A' porta da rua, porta que me vem abrir, — esta rainha não tem a pragmatica das rainhas Pola Negri e Francesca Bertini — Renée Heribel, pede-me:

Agradeça, em meu nome, aos seus compatriotas, as palavras amáveis que tantas vezes me têm dirigido, e recomende-lhes que me escrevam duma maneira legível. Já tenho deixado de responder a muitos porque não consigo decifrar o nome ou o endereço, nem mesmo com uma lente! . . .»

Prendendo a mão da risonha e gentil *demoiselle* que vale não sei quantos prémios de beleza, digo *Adieu!* E beijando uma pulseira de brilhantes para melhor beijar um pulso de mulher, penso... *tais-toi mon coeur!*

Dezembro de 1929, em Paris.

CARLOS ALBERTO FERREIRA



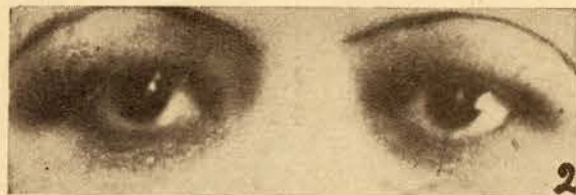
A gentil estrela francesa Colette Darfeuil que surge agora, cheia de graça e encanto, no filme «Voici dimanche», destinado a um êxito colossal. A galanteria gaulesa ressalta nos seus olhos belos e fascinadores.

O Poder Mágico dos Olhos

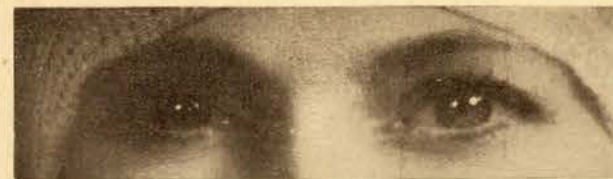
por Gomes Monteiro



Evelyn Brent



Os olhos de Olga Tschekowa, Collen Moore e Dolores Costello



Os olhos de Olga Baclanova, Alice White e Pola Negri



Greta Garbo



Barrymore, reduzindo-o á misera condição dum Hercules a fiar na roca nos degraus do trono da sua Omphale, a nossa formosa patricia n.º 8 levaria o seu apaixonado, não só a fiar, mas a confiar... E Louise Brooks? Há qualquer coisa de arrogante no seu olhar, arrogância que nos olhos n.º 9 aparece transformada em graciosa ternura.

Que terão, portanto, de mais belo, de mais atraente, de mais encantador, os olhos das estrelas estrangeiras que as trombetas duma publicidade espantosa colocaram no sétimo céu da celebridade?

Existe uma verdade triste... Quantas jovens portuguesas se deixam fascinar pelos olhos de Greta Garbo, de Evelyn Brent e de tantas outras, sem reparar que possuem — deliciosa ignorância! — uns olhos muito mais formosos, muito mais belos, muito mais lindos!...

Mas antes assim. As mulheres são como as rosas: começam a perder o encanto quando se apercebem da sua formosura!



Mais três belas expressões portuguesas

SEGUNDO uma velha máxima que os psicólogos das eras mais remotas adotaram como boa, «os olhos são o espelho da alma», reflectindo, por consequência, o prazer e o desespero, a alegria e a angústia. Chegou a afirmar-se que os lábios sorriam muita vez, não obstante os olhos patentearem um sofrimento lancinante.

Será assim? No mundo cinematográfico esta credence avolumou-se, havendo quem atribuisse aos olhos misteriosos de Greta Garbo todo esse poder fascinador e atraente que a elevou ao sétimo céu da celebridade. O seu olhar magnético e formidável tão profundo que chega a causar vertigens a todo o incauto que se debruce a namorá-lo é — segundo se diz — a mais poderosa arma da famosa vampiresa sueca.

Entretanto, outras estrelas surgem fulgurantes e dominadoras.

Mas, as mulheres portuguesas não possuirão também o mesmo encanto? Eis a pergunta que dirigimos hoje às nossas gentis leitoras, oferecendo-



Olhos portugueses que encantam

lhes os olhos de várias artistas estrangeiras e os de algumas formosíssimas mulheres da nossa terra.

Vamos estabelecer o confronto.

Os olhos suaves de Olga Tschekowa serão mais atraentes do que os lindos olhos portugueses da nossa gravura n.º 1? Reparem bem. Os da nossa patricia parecem ter mais candura e suavidade. Nuns, ha ternura que seduz; nos outros ha serenidade que embala sonhos cor de rosa...

E os olhos meigos de Evelyn Brent terão mais encanto do que os da gravura n.º 2? Se dos olhos da formosa estrela cinematográfica parece brotar um fluido delicioso, dos olhos da mulher portuguesa que apresentamos rescende qualquer coisa de divino, de poderoso, de irresistível. Uns, encantam; os outros, inebriam...

Os olhos felinos de Greta Garbo, a misteriosa sereia escandinava terão maior poder de sedução do que os olhos docemente tristes da gravura n.º 3? Se nos olhos da estrela de Estocolmo se concentra um poder fascinante que tortura, nos olhos n.º 3 esvoaça uma melancolia enternecedora e subtil que prende e subjuga. Os olhos da aguia que se eleva, magestosa, sedenta de novas presas, não podem ter a meiguice aveludada dos olhos do antilope das selvas asiaticas.



O olhar de Soror Mariana deveria ser, mais terno do que o olhar de Lucrecia Borgia.

Os olhos brilhantes de Olga Baclanova não são mais belos do que os reproduzidos na gravura n.º 4, como mais belos não são os de Colleen Moore comparados com os da gravura n.º 5. Nuns, ha fixidez brilhante que se impõe; nos outros, a candidez angélica que faz convencer.

Os de Alice White, abertos numa expressão forçada e fatigante, não possuem a suavidade extática dos olhos n.º 6. Os olhos fulgurantes da esfinge que guardava o terrível segredo foram vencidos pelos olhos formosos e benditos duma jovem santa portuguesa, cheios de unção e bondade de amor e fé.

Se os olhos de Pola Negri tiveram o condão de transformar em diamantes preciosos as lágrimas pungentes da sua infância aflitiva, os n.º 7 poderiam iluminar como dois astros a vida de qualquer mortal por mais tenebrosa que fosse. Há olhos que operam milagres nos corações humanos.

Os olhos de Dolores Costello parecem chorar, dominando pela piedade, mas os olhos n.º 8 dominam igualmente sem necessidade de lagrimas. Se Dolores Costello venceu inteiramente John



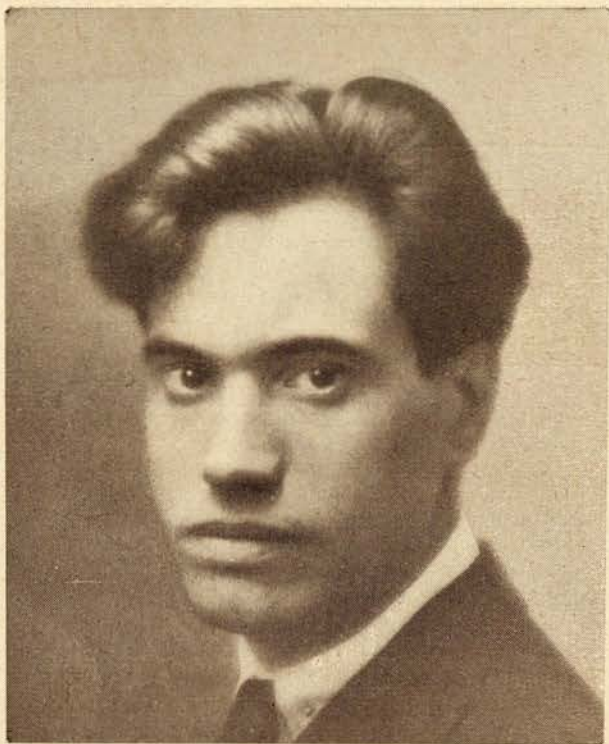
A Arte Fotográfica em Portugal

NESTE seculo de maravilhas que vai correndo a arte fotografica atingiu um tal progresso que não sabemos francamente o que de novo poderá surgir ainda. Enquanto a Alemanha realiza verdadeiros prodigios que nos assombam, a Russia exhibe filmes formidaveis que nos envolvem num turbilhão de belezas, não só os olhos, mas a propria alma. A França vai avançando tambem na sua marcha progressiva, tentando suplantar a Italia das consagradas primeiras idealizações fotogénicas. A Inglaterra dá o seu braço forte á América, sua amiga e rival, esboçando um grande «frust» de filmes que deveria surgir em avalanche esmagadora sobre todos os outros, caso isso fósse possível. A Espanha ensaia os seus melhores esforços e a Polonia pretende alcançar-se — e porque não? — á passada grandeza do seu rei Casimiro.

Todo o mundo trabalha afanosamente para a conquista do velocino de ouro, occulto nas trevas misteriosas da câmara escura. E Portugal?

Em Portugal estão lançados — segundo nos consta — vários projectos interessantes, de mais ou menos facil realização.

Ainda assim, não damos muito por eles. Supomos que os realizadores portugueses, na sua maioria, pouco ou nada



M. Alves de San-Payo

Um dos magnificos trabalhos de San-Payo



percebem de fotografia e daí a sua grande quantidade de fiascos tristes e desanimadores. Calcule-se um audacioso tentando dar à luz uma linda pintura a oleo sem ter a mais leve noção do que seja uma pincelada, nem conhecer sequer a escala policromica da combinação das tintas. Longe de poder ser considerado um artista, será um simples «troca-tintas», quando muito.

Quem diz em pintura, diz noutra arte qualquer.

Em grandes filmes alemães temos notado a colaboração de grandes fotografos que aproveitam todas as vantagens da luz, enaltecendo as imagens em realces magnificentes e deslumbradores. Ora, em Portugal ha tambem optimos fotografos. Um deles vamos nós citar — o M. Alves de San-Payo que conseguiu o justo titulo de fotografo da Elite e que é hoje o preferido pela sociedade elegante.

O seu atelier à Praça Marquês de Pombal, 16, r. c. é um verdadeiro mimo a esconder um perfeito laboratório de sábio, mas dum sábio de bom gosto. Nêsse atelier decorado requintadamente pelas próprias mãos do seu proprietário, respira-se o efluvio suave dum verdadeiro templo de Arte. E' assim mesmo. O artista patenteia-se, não só na magnificencia dos trabalhos fotográficos que executa, mas no fino gosto que teve em ornamentar a própria casa. Correndo a vista sobre as suas realizações fotográficas ressaltam a perfeição que encanta a vista e a certeza de que a fotografia não tem já segredos para ele. San-Payo — o artista nervoso e cheio de talento exuberante — descobriu o velocino de ouro da arte fotografica.

Em face dum tal elemento, devemos desanimar pelo futuro da cinematografia portuguesa? O que será um filme português dirigido ou aconselhado por este artista?

BANCROFT



dois grandes artistas

A BAIXO de Charlot, o artista máximo do cinema, dois nomes se seguem na simpatia dos cinéfilos — Bancroft e Jannings. Caso pouco frequente no cinema, a sua celebridade não é devida a dotes físicos. A cínica expressão «yankee» de «sex-appeal», com que se justificam muitos sucessos, não lhes pode ser, com razão aplicada.

Não reunimos neste artigo os dois maiores trágicos do «écran» para entre eles estabelecermos uma comparação crítica com resultados favoráveis a um ou a outro. Os seus generos diferem totalmente e tal apreciação comparativa seria descabida. Todavia, ela já tem sido feita inconsideradamente e diversas conclusões se tem tirado.

Convém rectificar essas opiniões. Há em todo o verdadeiro artista um mundo psicológico que permanece constante em face da assimilação das diferentes personagens, e este elemento essencial difere profundamente nos dois actores.

Bancroft é o homem na sua máxima simplicidade que um milagre ou uma regressão libertaram da influencia da civilização actual. Todas as suas criações apresentam esta característica fortemente definida — o domínio dos instintos naturais e, sobretudo, dos mais primitivos. Por isso a sua exteriorização do furor ou da abnegação, do desespero ou da bonomia, é sempre como que isenta de raciocínio.

Em Jannings, pelo contrário, os caracteres psicológicos são mais complexos. As suas criações, mais moderadas, não se impõem como as de Bancroft por uma energia vital intensa, e a sua capacidade interpretativa é, dum certo modo, menos extensa na gama das emoções. Mas para os mais subtis estados de alma ele sabe criar em concordância perfeita, o gesto que os define. E sob este aspecto é insuperável. Poderemos, assim, compará-los a dois pintores, um empregando fortes oposições de côres, outro preferindo cambiantes ligeiros.

A diferença que apontámos e de que não resulta inferioridade para nenhum deles, é sobretudo sensível pela comparação das suas criações. Ao passo que as personagens interpretadas por Bancroft são sempre anónimos e humanos, como o temível bandido de «Vidas Tenebrosas» ou o fogueiro de «As Docas de Nova York», Jan-



JANNINGS

nings tem incarnado de preferencia papeis simbólicos e históricos como Tartufo, Mefistófeles, Nero, Danton, Luís XV e Paulo I.

Há no início da carreira dos dois artistas uma coincidência curiosa — ambos interpretaram papeis comicos em farças de curta metragem. Jannings, que já então se classificára como um dos maiores artistas teatrais da Alemanha, realizou essas farças em colaboração com Ernst Lubitsch, tendo obtido um apreciavel successo. Por seu lado, George Bancroft interpretava pequenos papeis em filmes cómicos da «Paramount» quando lhe foi confiado o desempenho de «Vidas Tenebrosas» Estes factos dão bem a medida da maleabilidade do talento dos dois grandes actores.

A carreira de Jannings como actor cinematográfico é incomparavelmente mais longa que a de Bancroft. Por este motivo Jannings é mais conhecido entre nós, tendo-nos já sido apresentados numerosos filmes seus, como «Variedades», «O Último dos Homens», «A Tortura da Carne», «Tartufo», «Fausto» e «O Patriota», para citar apenas os principais. De todas estas criações preferimos «Variedades», filme que um conjunto de circunstâncias fortuitas permite considerar uma das produções clássicas do cinema mudo. No papel de Boss, Jannings exprimiu magistralmente o desejo insano, a tortura do ciúme e a vontade decidida de matar.

O nome de Bancroft foi-nos revelado ao mesmo tempo que um dos mais poderosos realizadores da actualidade — Josef von Sternberg. Este realizador austriaco encontrou em Bancroft o intérprete perfeito para a criação dum tipo que certamente já idealizára. Sob a sua direcção, Bancroft realizou tres filmes: «Vidas Tenebrosas», «A Rusga» e «As Docas de Nova York». A primeira e a última destas películas já foram exibidas entre nós e, pelas características do seu argumento, «Vidas Tenebrosas» obteve maior successo junto do público. Sob um aspecto puramente artístico, o filme «As Docas de Nova York» manifesta porém notaveis progressos sobre o anterior. O seu estudo duma personalidade feito exaustivamente

durante as vinte e quatro horas de paragem dum navio de carga em Nova York, representa a consagração absoluta dum intérprete e dum realizador. São raras as obras em que a vida se manifesta numa tão empolgante intensidade, perseguindo um único objectivo — o prazer, e empregando um único meio — a força.

Deve ser exibido ainda esta época «A Rusga», o segundo filme de Bancroft, em que este tem uma criação bastante diferente das que temos visto. Será desta vez um hábil «detective» em luta contra os inimigos da sociedade, e na opinião da crítica estrangeira o seu talento amolda-se magnificamente a esta transformação.

Quanto a Jannings, depois de ter interpretado «Variedades», a sua obra prima, partiu para a América onde realizou varios filmes dos quais já vimos «A Tortura da Carne», «O Patriota» e «A Última Ordem». Voltaremos ainda esta época a ver o eminente actor em «Os Pecados dos Pais».

A evolução do cinema sonoro veiu, como é natural, influir profundamente na carreira dos dois artistas. Dirigido por Victor Schertzinger, Bancroft interpretou «The Wolf of Wall Street», um filme falado que constituiu por diversos motivos uma revelação. Ultimamente, de novo sob a direcção de Sternberg desempenhou o principal papel no filme. «Thunderbolt». A sua voz parece ter numerosas qualidades fonogénicas e o seu riso largo e rude é mais um motivo de admiração para os seus devotos.

Jannings por não conhecer com a indispensavel perfeição a lingua inglesa viu diminuido o seu prestigio na América e regressou á Europa. Trabalha actualmente na Alemanha, onde sob a direcção de Sternberg, interpreta o protagonista dum filme extraído dum romance de Heinrich Mann.

A carreira dos dois artistas não nos deixa ainda, felizmente, prever o seu termo, e muito há ainda a esperar para o cinema das magnificas qualidades que ambos possuem.

RODDY

O PRIMEIRO FILME SONORO DA «UFA»

MELODIA DO CORAÇÃO



A «Ufa» acaba de apresentar a sua primeira produção sonora, interpretada por Dita Parlo e Willy Fritsch. O assunto desta película promete-nos um filme romântico de seguro successo. O comprimento dos diálogos foi, segundo se diz, reduzido ao indispensavel e acompanhado por excelentes trechos de música húngara.

Bons commerciantes, os alemães iniciam a verdadeira defesa dos mercados europeus contra a invasão dos «talkies» americanos. «Melodia do Coração» foi filmado em quatro linguas — alemão, francês, inglês e húngaro, o que lhe assegura um vasto mercado de exploração.

Os Maníacos de Greta Garbo

A SEREIA DE ESTO-COLMO TEM DE APARENTAR UM CINISMO CRUEL, EMBORA DESEJASSE PATENTEAR A CANDURA DAS POMBAS, SUAS IRMÃS



O TERRÍVEL SEGREDO DUMA CELEBRIDADE QUE TEM DE SER MANTIDO, APESAR DE TUDO, PARA ENCANTO DAS PLATÉIAS DE TODO O MUNDO

HOLLYWOOD, a cidade da extravagância industrializada, põe a mão sôbre o lugar onde deve estar o seu enorme coração de celuloide, e jura ao mundo inteiro que o seu firmamento está cheio de estrelas. Este juramento solene é gritado pelos cartazes vistosos, pelas suas cornetas, pelos seus tambores, numa orquestração formidável. Milhões de lâmpadas electricas dimanam os nomes das estrelas em niagaras de luz...

Muitas estrelas em Hollywood? E' o que se grita aos quatro ventos... E, no entanto, não é bem assim... Ha apenas umas poucas e desse pequeno grupo só uma sobressai e tem luz propria. E' Greta Garbo. Todas as outras escurecem quando postas em confronto com esta extraordinária esfinge escandinava, de face palida e cabelos loiros.

Em Los Angeles sucedeu este caso curiosissimo: foi exibido um filme mudo! Atendendo a que todo o publico americano anda enlouquecido pelo cinema falado, cantado e sonoro, a apresentação duma fita muda dos velhos e sédiços tempos, deveria passar despercebida. Pois esse filme ultrapassou todos os «records» em frequencia de publico e em receitas. E' que a estrela desse filme era Greta Garbo, a querida, a idolatrada, a favorita não sabemos bem porquê.

Todas as grandes artistas de cinema têm a sua hora de apogeu. Depois, surge a inexorável decadencia, empalidecem, agonizam e caem no esquecimento... No entanto, ha uma que resiste a essa prova cruel e esmagadora: — é Greta Garbo. O misterioso lirio da Suecia não sorri, mas tem os sorrisos dos seus muitos milhões de acrisolados admiradores; não ama ninguem e faz andar à roda a cabeça dos mais honestos burgueses, amigos do seu lar, a ponto de esquecerem as esposas legítimas e amantissimas.

Em tempos idos, cada artista famoso tinha o seu grupo de devotos e estrenuos defensores. Insinuar que Mary Pickford não satisfizera inteiramente neste ou naquele papel era expor-se a uma sova tremenda. Sugerir que Douglas Fairbanks fóra mal em qualquer dos seus trabalhos, era tirar uma guia de hospitalização no posto de socorros mais proximo. Os nomes de Gish, Pearl White e Rudolfo Valentino eram apregoados com fervor pelos seus fanaticos... E ai! de quem tentasse es-

boçar um comentário menos respeitoso! Esse tempo passou... Hoje Mary Pickford é tratada rudemente pela critica, o mesmo sucedendo ao seu illustre marido Douglas Fairbanks. Mas ha mais. Clara Bow, John Crawford, Richard Barthelmess, Billie Dove, Joan Gilbert ou qualquer outro das recentes camadas de celebridades, não estão em melhores lençois.

Um pequeno insucesso... e estão perdidos. Exceptua-se apenas uma estrela — Greta Garbo. Esta pode fazer tudo o que quiser que não desmerecerá na adoração do publico. Se um critico mais desassombrado leva a sua coragem a dizer o que sente, adentro da verdade, que não seja agradável à estrela, sofre a pena de ser pouco menos do que trucidado por essa multidão de admiradores que, em volta do estandarte da favorita, juram «morrer por Deus, pela Suecia e por Greta Garbo!» E, quanto mais sinceramente o critico falar, mais cruelmente será agredido.

Ha tempos, a jornalista miss Lois Shirley publicou na revista «Photoplay» uma simples e amavel história acêrca de Greta Garbo, estabelecendo confrontos e bordando comentários. O artigo de miss Shirley era extremamente delicado e até amavel, salientando, no entanto, o que toda a gente sabe — que miss Greta Garbo é modesta, bisonha, pouco sociavel, deslegante no trajar, apesar do seu alto valor.

Pois caiu o poder do mundo sôbre a revista «Photoplay» quasi que desmoronando a redacção com um ciclone de cartas ameaçadoras, atrozes e terriveis. Numas dessas missivas recorria-se ao insulto, noutras à lamentação e noutras à ironia caustica.

Vamos citar algumas. Um homem de Oakland, na California, escreve:

«Gosto de Greta Garbo pela sua simplicidade adoravel. Diga-se o que se disser, mantenha-se tal como está, miss Garbo. Conduza como lhe aprouver a sua vida simples e lembre-se de que ha de haver sempre um critico sincero...»

Uma jovem de Ruleville diz:
«... Se Greta Garbo é fria, longinqua e misteriosa, essa caracteristica pertence absolutamente a Greta Garbo. Por ser misteriosa é que gosto de pensar nela. O publico, gosta de Greta Garbo com todos os seus defeitos. E' o publico que pro-

clana que esta gloriosa artista não pode ter quem a substitua...»

«...V. ataca certamente, Greta Garbo por ela não exibir «toilettes» vistosas como as outras chamadas «estrelas». Mas Greta Garbo é um génio e não precisa de «toilettes» para chamar as atenções. Quantas raparigas serão tão virtuosas e respeitadas na sua vida privada como esta grandiosa estrela?»

Uma senhora Louisville, diz:

«... De todas as pessoas estupidas de que tenho conhecimento até hoje, Miss Lois Shirley é a maior, atacando Greta Garbo. Antes de conhecer a grande artista sueca não tinha preferencias. Hoje, Greta Garbo constitui o meu ideal.

O que importuna metade dos escritores, é o facto de que Greta Garbo trata dos seus negocios sem neles introduzir seja quem for... E' pouco... A meu ver, John Gilbert casou com Ina Claire porque o não pôde fazer com Greta Garbo...»

A esposa dum droguista de Kansas City escreve:

«... Suponho que todos nós temos um desejo que nunca podemos realizar. O meu é apertar a mão a Greta Garbo — a grande.

Temos muitas Crawfords, Claras e Pages, mas temos só um Deus — e tambem uma só Greta Garbo».

Estas cartas e muitos milhares como estas foram provocadas por um simples e inofensivo artigo de miss Lois Shirley acerca da sereia de Estocolmo. O artigo era rigorosamente justo, mas ninguem quis saber disso. A artista veste-se como entende. Se utilizar 20 jardas de seda para fazer qualquer fronzido, está certo. No filme «Uma Mulher de Negocios» apresentou-se com um vestido simples e um chapéu mole de feltro e nunca pareceu mais atraente e misteriosa, mais arrogante e autoritária. Greta Garbo vive para o seu trabalho, para a sua criada, para as suas confortáveis pantufas e para as suas amplas janelas voltadas para o mar. Não quer saber dos outros. Isola-se. Onde os outros acabam, ela começa. Longe de ser atraente de qualquer modo, é cinegráficamente negligente, fria e arrogante. Nos intervalos das suas magnificas scenas, quasi que insulta os restantes actores e até os espectadores. Mas é Greta Garbo. O seu encanto não atrai só os homens, mas tambem as mulheres.

Uma rapariga que toda a gente conhecia como uma calma e fria habitante de Nova York, deslumbra-se e fica em extâsi ante Greta Garbo. Corre de «talkie» para «talkie» á procura do lirio da Suécia. Em face do seu entusiasmo louco, a Metro Goldwin Mayer aproveitou o reclamo e pôs ao seu serviço um grande carro de incendios. Onde quer que a rapariga soubesse que se encontrava Greta Garbo, corria logo para lá, a toda a velocidade, por entre silvos de sereia... Calcule-se o que Greta Garbo pode fazer dum pobre raparigal!

Um outro maníaco de Greta Garbo foi o actor Nils Asther, também sueco, que veio alistar-se na Metro Goldwin Mayer, fascinado pela sua terrível patricia. Estava perdido, irremediavelmente perdido, se a sua colega Vivian Duncan o não atraísse com os seus encantos. Quando toda a gente supunha ver a estrela escandinava envolver o pobre rapaz na emmaranhada rede dum paixão fatal, depara com a noticia do próximo casamento de Vivian Duncan com o ingénio Nils Asther.

...E quantas columnas, quantas, se fôssemos a discriminar todos os maníacos e fanáticos da terrível sereia da Suécia!...

Ora, pensando bem, Greta Garbo não é formosa, dessa formosura impecável que fascinou o pastor a ponto de conceder o pomo aureo à Venus radiosa e triunfante. Quanto a talento, é certo que tem desempenhado filmes interessantissimos, conseguindo agradar. Isto não quer dizer que seja a mais perfeita artista do mundo. Pola Negri, tendo atingido uma maior perfeição na sua arte, não tem nem nunca teve uma tão grande roda de fanáticos á sua roda como Greta Garbo.

E tudo isto porquê? Sabe-se lá... Chamam-lhe a mulher misteriosa, a mulher fatal, a mulher que perde os

homens e endoidece as mulheres e, em volta de tudo isto, surgiu a sua fama. Habitaram-se a acreditá-la como uma mulher perversa que não sabe amar, que nunca amou e daí o seu poder fascinador e terrível. No entanto, Greta Garbo gostaria de ser boazinha — ela propria o tem confessado inumeras vezes, queixando-se dos seus empresários — gostava de interpretar papeis de ingenuas nimbadadas de candura e unção, de ternura e bondade.

Este desejo não poderia ser satisfeito, visto que todo o prestigio de Greta Garbo se iria pela agua abaixo. A estrela escandinava ou hade ser a vampiresa que suga corações ou não pode ser coisa nenhuma. O mundo habituou-se a ve-la assim e assim mesmo é que gosta dela. Delicia-se em ve-la deslizar — ante a camara cinematográfica, é claro — tão subtil e traiçoeira como uma cobra cascavel e enrosca-se na vitima que se coloque ao seu alcance. O mundo goza com o martirio alheio. E' a confirmação da famosa maxima do filosofo dizendo que «o homem é um secular malvado que tem contribuido com a sua malvadez para fazer uma sociedade trinta vezes pior do que ele!...»

No fim de contas, não é nada assim. A pobre Greta Garbo ve-se aflita com a maldita pele de reptil traiçoeiro que lhe vestiram, embora essa mascarada lhe renda muitos milhares de dólares. Desejaria andar vestida noutra pele, uma pele de marta zibelina ou de raposa do Canadá. Seria mais belo e mais interessante. Mas o seu desejo não pode ser satisfeito. Pode vestir as peles que quizer, gastar fortunas nessas extravagâncias, mas sem largar a sua pele de cobra. E' esta a sua sorte. Outros vão decaindo. Enquanto Mary Pickford declina, sentada no trono deserto que seu marido ergueu para ela em Pickfair, Douglas dá os últimos arrancos dum tal ou qual celebridade na «Mascara de Ferro» que será talvez o seu canto do cisne.

Antigamente, Mary Pickford foi o idolo adorado das multidões; hoje é tão somente cortejada pela nobreza transviada que visita as bizarras de Hollywood. O mesmo está para suceder com Clara Bow, Joan Crawford, Richard Berthelme, Billie Dove, John Gilbert e tantos outros.

O perigo que os ameaça está no cinema falado. A sua auréola foi criada com o cinema silencioso e ali se manteria. A critica vai pronunciar-se e o entusiasmo popular esfriará, por certo. Errando, são condenados. Todos estão sujeitos a essa dura pena. Todos, excepto Greta Garbo. Esta mulher mágica e maravilhosa, do norte longiuco pode errar á sua vontade. Pode passear através de Hollywood montada numa hiena a rugir e apertando na mão um pato embalsamado ou uma vassoura de palma. Tudo estaria certo. Os maiores dispa-

parates de Greta Garbo são considerados escola impecável para todo o mundo. Greta Garbo pode exprimir ideias que noutra qualquer estrela originariam uma verdadeira revolução entre os cinéfilos. Em Greta Garbo tudo está certo. Greta Garbo não pode errar.

Os seus vestidos fazem moda, razão porque Paris trata a estrela escandinava com tanto carinho, para evitar dissidencias desastrosas. Já é frequente ouvir-se dizer a varias senhoras nos cabeleiros «chics»: «Quero o meu cabelo cortado á Greta Garbo!»

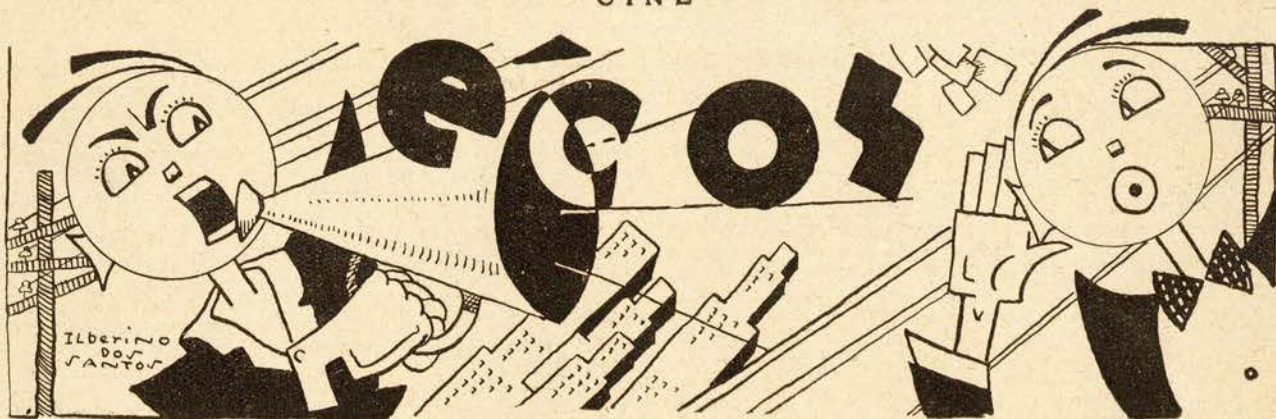
E o Figaro requintado e detentor dum bom gosto vai cortando as delicadas madeixas, fulvas e sedosas, transformando-as, tanto quanto possível, na trunfa vaporosa da estrela escandinava. Não repararam que a misteriosa Greta Garbo tem uma cabeleira que parece feita de chumbo? É natural — podem objectar os maníacos da famosa artista — Greta Garbo é filha do mar como a propria Afrodita... Haverá sempre um motivo para dar razão a tudo o que Greta Garbo possui...

Citamos ao acaso esse punhado de factos curiosos que patenteiam bem o tremendo fanatismo que se apoderou de cerebros bem formados em face da terrível vampiresa.

E quantas coisas haveria ainda para dizer!...

Nils Asther acompanhado da sua noiva Vivian Duncan e da irmã desta, Rosetta Duncan.





AMERICANICES

O êxito do «Barqueiro do Volga» de- põe a favor da sensibilidade do publico lisboeta, deixando mal colocadas certas personagens que procuram, alegando um mau gosto que ele nunca teve, provocar no mercado uma inundação de filmes dignos da admiração dos povos colonizados.

E não se diga que esse êxito resultou de circunstancias estranhas ao valor da pelicula, visto que, logo nas suas duas ou tres primeiras exhibições no Politeama, onde ele se estreou, conquistou o aplauso de todos quantos o viram.

O segredo desse triunfo está, primeiro do que tudo, na humanidade palpitante do entreccho e depois na realização admiravel de Cecil B. de Mille.

Destoa, em muito, da maioria dos filmes norte-americanos, cuja banalidade é de tal ordem que faz pensar a sério, e com justificado terror, na ameaça, prestes a efectivar-se, de uma vaga de idiotia.

Contudo, tem alguns defeitos da origem, isto é algumas, felizmente poucas, americanices. Uma delas consiste no beijo que trocam, no final, os dois amourosos, a princesa e o barqueiro, na presença dos membros do tribunal sovietico que acaba de os absolver — e no sorriso de silencioso aplauso do juiz — o presidente. Esse beijo, que vinha tão a proposito como o poderia estar um cão dentro de um prato de sopa, é uma das mais condenaveis e dogmaticas americanices do cinema. Estava ali a provar que se tratava de uma pelicula *made in U. S. A.*

OS QUE NÃO SE DIVORCIAM

William Boyd e Elinor Faire. os dois principais interpretes de «O] Barqueiro do Volga» acabam de divorciar-se por mutuo accordo. A separação foi amigavel. William Boyd diz de sua ex-mulher as coisas mais amaveis, pagando-lhe esta os elogios com grande liberalidade. Dir-

-se-ia que o divorcio passou a constituir na America a maior prova de consideração que um homem pode dar, publico e raso, a uma mulher.

É claro que este divórcio originou logo nalgumas revistas norte-americanas as tradicionais alusões à afirmação europeia de que a América era a pátria do divórcio.

«Felizmente — declara-o um humorista yankee — Ben Lyon, Bebe Daniels, Lupe Vélez e Gary Cooper desmentem essa afirmação.

E acrescenta maliciosamente:

— ...porque nunca mais se casam...

A DEFESA DO IDIOMA PORTUGUES

A Academia Brasileira de Letras vai apreciar a proposta do dr. Medeiros e Albuquerque, no sentido da referida agremiação solicitar do Congresso e do Con-

selho Municipal que seja proibida a exhibição de filmes falados em lingua que não seja a portuguesa.

Esta iniciativa constitui um grande exemplo a seguir.

ALICE TERRY

Alice Terry, uma das mais lindas artistas de cinema, é tambem uma das mais estudiosas, como o comprova a sua recente viagem a Hollywood, feita com o objectivo de tomar conhecimento directo e profundo dos processos que ali estão sendo utilizados na confecção de peliculas sonoras.

Seu esposo, o celebre «metteur-en-scène» Rex Ingram, encarregou-a de escolher, entre eles, o que convirá adoptar para um filme que está realizando em Nice, para uma empresa inglesa.

Alice Terry fará a protagonista desse filme.

Colette Darfeuil no filme «Voici dimanche», produção da Enka Prodisko com realização de Pierre Weill





A casa de Léon Poirier em Madagascar. Nessa tranquilidade adorável, o famoso realizador do «Verdun, visions de historie» regulariza com sua esposa e com Thomy Bourdelle varios detalhes do filme de aventuras nos mares exóticos—«Cain»

O HOMEM QUE HOLLYWOOD NÃO COMPROU

Leslie Fenton, que vimos interpretar o papel de tenente Moore em «O Preço da Glória», acaba de partir de Hollywood com destino às Baleares, depois de ter recusado um contrato que lhe rendia aproximadamente um milhão de dólares. Esta oferta nada tem de absurda, e era, segundo se diz, proporcional ao péso da correspondência que lhe foi dirigida, após a exibição de «Paris Bound», «The Office Scandal», «Dangerous Woman», e «Broadway» mas, Fenton não aceitou e o facto produziu enorme sensação na América, país onde o ouro é deus e os bancos catedrais. A opinião pública foi unânime em considerá-lo doido.

Um jornalista americano acaba, finalmente, de revelar os verdadeiro motivos desta estranha decisão. Fenton, que é por vocação escritor e mais particularmente poeta, arrastado pela vida vertiginosa do cinema, não dispunha de tempo para consagrar à literatura e quando se sentava à secretária, conforme êle lastimava entre amigos, era sempre para preencher cheques ou conferir contas do banco.

E para que a sensaboria de um milhão de dólares não viesse perturbar a sua existência e contrariar as suas disposições artísticas, Lislie Fenton, o actor mais romântico de Hollywood, decidiu afastar-se seis mil milhas da capital do cinema.

UM DISCO E UM FILME . .

Pela primeira vez, sem dúvida, houve ocasião de utilizar o cinema falado para evocar um grande morto.

Num cinema proximo da Opera de Paris foi há dias exibido um filme falado de Clemenceau, tirado na intimidade da Vendaia. É uma reportagem espantosa, directa, sem a minima preparação, não suspeitando o «Tigre» que tambem lhe quisessem fixar a voz.

O grande homem passeia com um passo pesado pelo seu jardim. Tem o seu ar carrancudo, a sobranceira carregada.

— Não me deixem torrar ao sol! — diz ele aos operadores... É uma massada! . . Pronto?... Não oiço.

Depois aparece ao pé do jardineiro com quem conversa.

— Tudo isto é um «fita», meu velho! E a vontade que eles teem de me fazer dar á lingua! Acabou? . .

A voz é mordente, nitida, clara.

E o publico, que principiou por aplaudir, disse «schiu!» para que melhor se ouvisse. Fez-se na sala o silencio das grandes emoções.

Depois, uma trovoadá de aplausos... .

A impressão foi verdadeiramente extraordinaria.

Aquella ressurreição de um instante teve o seu quê de fantasmagorico... .

OS ESTADOS UNIDOS DA EUROPA

As tentativas europeias para conseguir o objectivo louvavel de manter ao lado do

cinema de Hollywood o do Velho Continente não parecem estar destinadas a um rápido e fácil triunfo.

Assim o pensa Jacques Feyder, que tem solidas razões para isso, embora não consiga desprender-se totalmente do preconceito, peculiar a muitos dos seus compatriotas, de que só os franceses contam no mundo.

Segundo ele refere, a Alemanha começa a ser manietada—Jacques Feyder emprega outro termo mais humilhante—pela América, sendo já americana a maioria do pessoal das empresas daquele país.

O cinema inglês, para cujo ressurgimento contribuíram numerosos particulares, os que concorreram para êsse empreendimento, com muitos milhares de libras, encontra-se já sob a dependência económica de Tio Sam.

Só a França—declara-o o aludido realizador—se consegue defender do jugo económico dos americanos.

O sr. Feyder vê o argueiro nos olhos do vizinho e não consegue vislumbrar uma tranca no seu... Se assim não fôsse, começaria por confessar que a maioria dos cinemas franceses caiu nas mãos dos americanos e que se não existem importantes capitais americanos na indústria do seu país é porque Hollywood não vê em Paris uma concorrente perigosa.

O mesmo senhor—ou não fôsse êle francês, no sentido pejorativo do termo!—deixou ficar proposadamente no tinteiro a Rússia, país que produz, talvez, os mais valiosos, ou antes, os mais artisticos filmes do mundo e que ainda não cafu sob a alçada de Hollywood.

O remédio radical, o único que podia ser adoptado com êxito, seria como toda a gente sabe, como até o próprio sr. Rino Lupo já sabe, a união de todos os países do Velho Mundo, isto é, a realização da ideia preconizada pelo sr. Aristides Briand—os Estados Unidos da Europa. Cinematograficamente, é claro!...

O sr. Feyder tambem assim pensa, alvitrando até, com *isenção francesa*, que se escolhesse Paris para capital!

UM EXCELENTE FILME PORTUGUEZ

A convite da «Ulyseea-Film» assistimos no dia 9 do corrente à exhibição dedicada à imprensa do documentário «Alfama», realizado por João de Almeida e Sá, com a colaboração do operador Artur da Costa Macedo, e a que fazemos referência na nossa secção «Estreias do Mez».

As dois artistas e à empresa editora, as nossas felicitações.

Lars Hanson

DO TEATRO AO CINEMA † A CORAGEM,
PRINCIPAL FACULDADE ARTISTICA † «O
DEMONIO E A CARNE» E «A MULHER
MARCADA † UMA AMBIÇÃO IRREALISAVEL!



Em Hollywood, há meia dúzia de anos apenas, os artistas norte-americanos nutriam pelos seus camaradas estrangeiros uma antipatia que não procuravam dissimular. Consideravam-nos intrusos, e desejavam ardentemente a sua expulsão. Os mesmos sentimentos mesquinhos possuíam algumas centenas de indivíduos que gravitavam em torno da actividade cinematográfica de Hollywood, as quais usavam proferir, para justificar a sua atitude, esta afirmação enfática:

—Procedemos assim porque somos nacionalistas.

Essa guerra estúpida — eles chamavam-lhe nacionalista — forçou alguns artistas a retirarem para a Europa. Porém, os mais fortes e animosos, que eram quasi sempre os mais talentosos, ainda máis pelo seu orgulho pessoal que os incitava á resistência do que pelas compensações de ordem material, resolveram ficar. E venceram. Não só pelo seu merecimento mas também em virtude de os americanos terem compreendido, mercê do espírito prático que neles substitui a vaidade ridícula de certos países europeus, o papel que iriam desempenhar no triunfo do cinema dos Estados Unidos.

Lars Hanson viveu êsses tempos difíceis para os artistas estrangeiros, que chegaram, para se defender, a formar um mundo à parte. Foi dos que ficou — e venceu.

O seu triunfo veio com lentidão e segurança. Calmo, reflectido, nunca deu um passo para a frente, sem primeiro ter feito um balanço consciencioso das suas forças.

O seu temperamento honesto não se coadunava com o cabotinismo da maioria dos seus colegas, que pedem, a fim de firmar a sua reputação, aos encarregados da publicidade das empresas onde trabalham, que inventem as mais estúpidas e rocambalescas aventuras para que o público se convença de que eles são seres excepcionais.

A biografia de Lars Hanson, fornecida por ele próprio no decurso duma entre-

vista concedida a um dos mais importantes diários de Nova York, nada tem susceptível de prender a atenção dos que amam os lances romanescos rematados por bruscas ingerencias policiaes.

Lars Hanson tirou o curso de artista dramático na Academia de Estocolmo. Estreou-se num teatro desta cidade, tendo as criticas sido unanimes em afirmar que ele poderia vir a ser uma das glorias do teatro sueco. Afinal, as criticas, como acontece com diabólica frequência, enganaram-se. Lars Hanson, um ano depois da sentença lavrada naquela cidade pelos Sarcey suecos, trocava o teatro pelo cinema.

O seu gesto nada teve de excepcional, visto que, nesse tempo, a arte muda tentava a maioria dos artistas teatraes.

Os inícios da sua carreira no cinema não foram assinalados por nenhum facto notavel. Nêsse tempo, eram tidos em grande conta, quasi sobrepujando as qualidades artisticas, a audácia com que se afrontavam os perigos e a energia com que se executavam proezas desportivas capazes de maravilhar os espectadores.

Lars Hanson soube dar os saltos mais arrojados, de cavalos em desordenada correria, mostrando, em face de todas as exigências dos *metteurs-en-scène*, uma coragem e um sangue frio admiráveis.

Um dia, recebeu do seu compatriota Victor Sjostrom, que se encontrava em Hollywood, uma carta convidando-o a vir para a América, onde encontraria excelentes ocasiões para conquistar a celebridade e a fortuna, duas deusas que tinham deliberado emigrar da cinematografia sueca, então em franco declínio.

Sjostrom advertia-o, na sua carta, que teria de lutar contra a hostilidade do meio e de se adaptar á vida na Califórnia e á psicologia dos seus habitantes, que eram susceptíveis de revoltar o sueco mais fleugmático.

Surgiu a primeira dificuldade: Lars Hanson era casado com Karina Malonder, uma esplêndida actriz que alcançara

nos meios teatraes de Estocolmo uma situação invejavel.

Partir só para Hollywood não o tentava. Convidar sua mulher a tentar o cinema, seria trabalho baldado. E estava quasi a desistir, quando ella, para o acompanhar, teve um gesto de abnegação: desistir da sua carreira artistica. Na Celandia, Lars Hanson começou a revelar as suas formidaveis qualidades em dois filmes: «A Mulher Marcada» e o «Demónio e a Carne». Nêste último, que foi exibido no S. Luis, os principais papeis eram desempenhados por dois dos mais celebres e mais populares artistas: Greta Garbo e John Gilbert. E embora as atenções do publico feminino fossem para este último, que desempenhava o principal papel, Lars Hanson revelou-se um actor talentoso e honestissimo, sacrificando á verdade da interpretação certos efeitos facéis de que costumam lançar mão muitos cabotinos do cinema.

«A mulher marcada», que foi uma das mais belas e bem realizadas peluculas exibidas no S. Luis, colocou Lars Hanson entre os maiores artistas do cinema.

A sua interpretação pode collocar-se ao lado de todas as grandes figuras da setima arte.

A maior ambição artitica de Lars Hanson? Desempenhar personagens sempre diferentes. Ambição quasi irrealizavel, pois que os americanos o obrigavam a fazer uma longa série de papeis de padres e marinheiros. Porem, sempre que se esqueciam dêste habito comercial e estúpido de americanizar os artistas, o interprete de «A mulher marcada», como o provou na pelucula «O Vento», ultimamente projectada no Odeon, afirmava-se como um dos grandes e raros artistas do cinema que não transformam as personagens de que se incumbem numa duplicação vulgar e monotona do seu fisico e do seu temperamento. . .



Lon Chaney



Barbara La Marr



Gloria Swanson

As Bizarrias do Divorcio

Os milhares de casos de divorcios de Hollywood continuam a encontrar os respigadores de escandalos. A «Cine» tem dedicado colunas e colunas a este assunto bizarro. No entanto, não resistimos á tentação de transcrever alguns trechos dum curioso artigo que a illustre jornalista espanhola Amparo Verardini publica na bela revista «Estampa». Tem a palavra a nossa illustre camarada madrilena:

«CORRIA o ano de 1913. Hollywood, arabalde insignificante duma pequena cidade quasi exclusivamente consagrada á agricultura, não tinha alcançado ainda a sua actual preponderancia. As «estrelas» cinematográficas, cujos ordenados não excediam os que actualmente disfrutam os mais distintos «extras», não tinham conseguido construir ainda todo esse enxame de «bungalows» que hoje inundam Beverly Hills, nem abundavam tambem os enormes edificios consagrados á moda e á projecção de películas.

A cidade de Los Angeles era pequena e tranquila, não se encontrando ainda empolgada pela ansia moderna e insaciavel do cinema. Era uma cidade como tantas outras do imenso territorio estado-unidense; uma cidade puritana e ambiciosa que dividia o seu tempo entre a Biblia e o trabalho; uma cidade adormecida na doçura do seu clima que observava com assombro as audazes extravagancias dos artistas cinematográficos recém-instalados na região. Ninguém imaginaria a enorme prosperidade que esta inesperada invasão lhe havia de trazer.

Um dia, os puritanos burgueses de Los Angeles viram-se surpreendidos por uma noticia incrível e inaudita: um artista cinematográfico, um membro daquela seita áparte que, pouco a pouco, ia captando com o brilho fascinador da sua arte a juventude do povoado — acabava de apresentar ante o juiz do distrito um pedido de divorcio. Escândalo e anátema! Nunca se tinha dado um caso semelhante na pequena cidade burguesa e puritana.

Este homem audacioso era Lon Chaney que, após, um longo e sensacional processo, viu assinada a sentença do seu divorcio em 7 de Abril de 1915. Se o «homem das mil caras» não tivesse mais altos merecimentos para passar á história do cinema, bastar-lhe-ia a honra de ter sido o primeiro divorciado de Hollywood e a de ser presidente dum club a que teria de pertencer a quasi totalidade dos habitantes da Meca Cinematografica.

O primeiro divorcio de Gloria Swanson ocorreu pouco tempo depois do de Lon Chaney, alcançando uma ressonan-

cia ainda maior. Gloria não era então a grande dama que todos conhecemos, nem a illustre actriz admirada por todos. A famosa Elinor Glyn não lhe tinha ensinado ainda a arte subtil de fazer realçar com a maneira de vestir a sua anonima personalidade. Caçada de oferecer ás senhoras luxuosas peças de roupa interior, a pequena Gloria — ambiciosa como boa americana — resolveu ostentar essas mesmas prendas nas alegres comédias do veterano Mack Sennett e o exito foi enorme.

Essas roupas brilhavam tão admiravelmente sobre o seu corpo meúdo que conquistou simultaneamente um lugar importante na companhia e no coração de Wallace Beery. O artista possivelmente calculou que essa encantadora bonequinha deveria ser muito fácil de manejar. Equivocou-se por completo. Na intimidade do lar, o cínico feroz dos filmes — ameaça constante desse ingénuo par enamorado — teve de converter-se em manso cordeirinho, sem que a sua mansidão conseguisse evitar um immediato e ruidoso processo de divórcio.

Herbert Sonburn foi o segundo e mais afortunado marido. Tiveram uma filha, adoptaram um filho e tudo parecia indicar que este segundo matrimónio fôsse duradouro. Ainda assim, falhou como o primeiro e provavelmente pelos mesmos motivos: a insigne intérprete da «Zázá» começava já a ser chamada a «gloriosa Glória Swanson» e a sua ambição difficilmente se acomodava ás exigencias dum marido.

Decorreram uns anos de liberdade, de forma sempre crescente e de progressiva fortuna. Seguiu-se a viagem a Paris para filmar a «Madame Sans Gêne», obra magnifica que deveria consagrar definitivamente o seu nome. Foi ali que encontrou a grande aventura da sua vida, casando com o jovem marquez de La Falaise de la Coudraye.

E, agora, terminaremos por apresentar a famosa mulher que bateu o «record» dos casamentos — a formosissima actriz Barbara La Marr, falecida em Pasadena em 30 de Janeiro de 1926, depois de ter alcançado a méta de dez casamentos e nove divorcios. Faleceu duma anemia, contando apenas vinte e seis anos de idade...

Os magnates do cinema, os que chegaram ao cume da celebridade e, por isso, se julgam obrigados a adoptar um ar severo de austeridade burguesa, pretendem que o número de divorcios não é superior ao de qualquer outra das cidades governadas pelo Presidente Hoover. É muito possível que assim seja... Todavia, afortunadamente para eles, o público ainda se interessa por essas bizarras histórias de casamentos e divorcios... e vice-versa...

ESTREIAS DO MÊS

A CAÇA DUM AUTÓGRAFO — (*The Card Board Lover, Realização de Robert Z. Leonard e interpretação de Marion Davies e Nils Asther. Distribuído por Metro Goldwyn Mayer.*)

É uma comédia nos moldes usuais da produção americana. O argumento é recheado de situações de boa comédia. Marion Davies tem uma ocasião de exercer o seu talento de imitadora, dando-nos além disso mais uma das suas criações cheias de espírito e vivacidade, na figura de uma colecionadora de autógrafos persistente até à teimosia. Nils Asther revela-nos mais uma vez a sua insuficiência como galã, mascarada por uma elegância postiça.

PANAME NÃO É PARIS. — (*Den Apachen von Paris, Produção da «Ufa» em 9 partes. Realização de N. Malikoff e interpretação de Lia Eibenschütz, Ruth Weyher e Jaques Catelain. Distribuído por Raul Lopes Freire.*)

É um filme adaptado ao gosto das plateias internacionais no sentido mais vulgar da expressão. Toda a película foi subordinada a este critério. Os meios equívocos de Paris e a sua fauna especial foram revestidos duma ingénua honestidade para se tornarem apresentáveis aos olhos do respeitável público. Faz apenas excepção uma ou outra nota de sexualidade que constituem para o paladar germânico verdadeiras gulodices.

Jaques Catelain a quem não deixamos de reconhecer algumas qualidades, está deslocado no papel que lhe confiaram. Destaca-se apenas no desempenho a figura dum apache de Paris criada por Charles Vanel. Os restantes intérpretes formam um conjunto medíocre.

Como fotografia, iluminação e restantes elementos técnicos, «Paname não é Paris», confirma, sem nos trazer revelações, a tradicional perfeição das produções da Ufa.

MACÃ DE ADÃO — (*Adam's Apple*) — Comédia em 8 partes realizada por Tim Whelan com Monty Banks, Cilian Dean e Lena Haliday. Distribuído pela Companhia Cinematográfica de Portugal

Vê-se com bastante agrado esta comédia que é na essência uma sátira, espirituosa por vezes, às viagens nupciais dos americanos pela Europa.

A acção é irregular, com trechos alternados de boa comédia e péssima farça, e o valor cómico das situações decresce sensivelmente nas últimas partes. Contudo, algumas cenas, como a luta no gi-

násio, são excelentes, embora acusem falta de originalidade.

Monty Banks agradou-nos e Cilian Dean, sua «leading-woman», fez o que pôde e que foi muito pouco.

SUA EXCELENCIA O MORTO. *Die Selige Excellenz.* — Comédia em 9 partes realizada por E. A. Licho e W. Thiele com Olga Tschekowa e Willy Fritsch. Distribuído por Raul Lopes Freire.

Podê contestar-se valor a esta película por um critério estritamente cinematográfico. Mas, na realidade, o seu argumento invulgar — espirituosa «charge» ao pragmatismo das côrtes da Europa Central, que se desenvolve num ambiente de velha opereta — consegue com frequência fazer



Lane Chandles e Clara Bow no filme «Cabelos de Fôgo»

sorrir, e foi decerto esta a intenção dos realizadores.

A interpretação satisfaz em conjunto. Willy Fritsch dá-nos um excelente galã e Olga Tschekowa, conquanto melhor trágica do que comediante, tem um magnífico desempenho que o seu belo sorriso irónico realça.

A realização é correcta e merecem referência a fotografia e as distribuições de luz.

MANDRÁGORA — (*Alraune*). Realização de Henrik Galeen, interpretada por Brigitte Helm, Paul Wegener e Ivan Petrovitch. Distribuído por Raul Lopes Freire.

Henrik Galeen tinha para os cinéfilos

portugueses, como realizador de «O Estudante de Praga», um passado de tradições, que esta produção não veio confirmar. A ideia principal do filme, a que não negamos valor pela rara qualidade de se afastar dos temas comuns, serviu de pretexto para «encaixar» algumas cenas de grande efeito, como a entrada de Madrágora na jaula dos leões, para que não é possível encontrar uma justificação feliz.

De resto, a realização é nitidamente inferior. Os cenários são na sua maioria de péssimo gosto e a fotografia quasi sempre detestável.

Paul Wegener tem uma interpretação muito abaixo dos seus méritos, melhorando, contudo, de forma sensível nas últimas cenas. Brigitte Helm deve o seu triunfo, não às suas faculdades interpretativas, que a falta duma direcção conscienciosa dispersou, mas sim à extraordinária sedução da sua magnífica beleza. Ivan Petrovitch dá-nos uma interpretação medíocre dum papel inferior.

TEMPESTADE NA ÁSIA — Produção Sovkino realizada por Pudovkine e interpretada por Inkijinof. Distribuída por Melo, Castelo Branco, Ltd.

Com a exibição de «Tempestade na Ásia», pode afirmar-se claramente que os cinéfilos portugueses tiveram a primeira revelação inofensiva do valor do cinema russo.

Não quer isto dizer que negamos a «A Aldeia do Pecado» e a «Ivan, o Terrível», os merecimentos que lhes atribuímos quando da sua apresentação. Mas as qualidades destas duas películas, embora admiráveis, eram menos evidentes.

«Tempestade na Ásia» impõe-se à nossa admiração pela realização de Pudovkine, pela interpretação de Inkijinof e como documento único sobre os costumes e ritos milenários da raça mongólica.

Como realizador, Pudovkine, revela-nos um estilo vigorosamente pessoal que se caracteriza por um domínio perfeito do ritmo e pelo emprego, por vezes demasiado insistente, de símbolos. A sua técnica na colocação da câmara demonstra um conhecimento profundo das possibilidades da objectiva, que lhe permite encontrar o aspecto visual mais sugestivo dos seres e das coisas. Mas é, sobretudo, pela introdução dum ritmo crescente na sucessão das imagens que Pudovkine se afirma um grande realizador. Desde as primeiras cenas, cuja lentidão exprime tão bem a miséria dum povo oprimido, e que a alguns pareceram monótonas e fatigantes, até às cenas finais do ataque dos cavaleiros mongóis, em que o movimento atinge o paroxismo, não há uma interrupção nesse ritmo, que se pode considerar perfeito.

A acção deste filme consiste na revolta

dos mongóis contra as violências dum corpo de exercito de ocupação ilegal. E conquanto as tendencias doutrinárias do assunto sejam bastante sensíveis, Pudovkine realizou sobre ele um filme absolutamente notavel sob o ponto de vista artistico.

Inkijnof simboliza a raça mongólica no papel de Timur, um indigena descendente de Dgengis Kahn, Imperador da Mongólia e chefe famoso de hordas bárbaras no século XII. A sua interpretação é sempre insuperavel desde as scenas iniciais em que é um obscuro indigena sujeito ás violências do estrangeiro, até ás últimas scenas em que, revoltado, revivem nele os instintos violentos do seu antepassado secular.

A restante interpretação é excelente e Pudovkine, dirigindo o desempenho dos indigenas provou a verdade da sua afirmação frequentemente citada:

«Qualquer expressão dum sentimento elementar pode ser obtida dum ser humano. Isso depende apenas do ensenador.

Como testemunho absolutamente objectivo dos costumes da raça mongólica, o valor desta produção é inculcavel, tanto pela extensão dos documentos recolhidos, como pelas dificuldades que foi necessário vencer para obter dos indigenas a indispensavel colaboração.



LOOPING-THE-LOOP—*Drama em 9 partes com Werner Krauss, Jenny Jugo, Warwick Ward e Gina Manès. Realização de Arthur Robison. Distribuído por Raúl Lopes Freire.*

O argumento desta película explora o ambiente dramático do circo. É uma edição pouco feliz da história dum palhaço que diverte o público, sofrendo uma angustiosa tortura moral. Mas estas adaptações dum tema já bastante conhecido só se justificam quando nos trazem qualquer revelação. E não é este o caso de «Looping-the-loop».

A fotografia é perfeita, com excelentes ângulos, e a encenação conscienciosa. Mas o conjunto, embora bastante equilibrado, acusa sensivelmente a influencia de «Variedades», sem nunca atingir a perfeição constante desta obra.

Na interpretação, Werner Krauss foi o melhor. Warwick Ward tem um desempenho inferior ao que vimos no filme de Dupont acima mencionado. Jenny Jugo deu-nos uma interpretação aceitavel com algumas indecisões devidas a uma direcção frouxa.



O PRINCIPE ESTUDANTE — (*The Student Prince*). Realização de Ernst Lubitsch com Ramon Novarro, Norma Shearer, Gustav von Seyffertitz e Jean Hersholt. Distribuído pela Metro-Goldwyn-Mayer.

Lubitsch, que consideramos a melhor conquista do dólar na Europa, realizou com este filme, sobre um tema de delicado romantismo, uma produção equilibrada, que tem por cenário principal a pitoresca Heidelberg animada pela ale-

gria ruidosa dos estudantes da velha universidade.

Ramon Novarro, num difficil papel, tem uma interpretação que satisfaz, e ao seu lado Norma Shearer encanta-nos com a sua fragilidade nas melhores scenas do filme. Acima deles cumpre porém destacar o magnifico desempenho de Jean Hersholt no papel de preceptor do jovem principe.

A fotografia é perfeita, a despeito do emprego já pouco usual de viragens a azul. As iluminações e decorações manifestam a já conhecida competência directiva de Lubitsch.

Apesar dos valiosos elementos artisticos que entraram na produção deste filme e de perfeito equilibrio atingido, pode afirmar-se que o seu successo e o seu mérito são maiores como obra romântica do que como criação essencialmente cinematográfica.



A VENDEDEIRA DE FOSFOROS — (*La Petite Marchande d'Allumettes*). Realização de Jean Renoir com Catherine Hessling, Jan Storm e Manuel Raaby. Distribuído por Raúl Lopes Freire.

Realizado com evidente deficiência de meios, este filme impõe-se á nossa atenção, não como um resultado atingido mas como uma curiosa tentativa.

Nesta história ingénua em que o maravilhoso tem um papel importante nada foi sacrificado ás tendencias comerciais. É natural, por isso, que o público habituado a uma literatura que lhe lisongeia os gostos vulgares se sinta lesado nos seus legítimos interesses.

Todos os meios de expressão do cinema, embora restringidos por insuficiência de aparelhagem técnica, foram inteligentemente introduzidos na acção. Deve notar-se em especial o ritmo resultante da successão alternada de imagens rápidas e lentas na cavalgada através das nuvens.

Catherine Hessling interpretou admiravelmente a figura enternecedora da pequena vendedora. Jan Storm e Manuel Raaby completam o conjunto com um desempenho correcto.

Como ensaio de visão onírica esta película tem sobre algumas produções germanicas recheadas de teorias freudianas a apreciavel vantagem duma maior despretensão.



O ÃS DA VELOCIDADE — (*Spedy*). Farça em 10 partes com Harold Lloyd e Ann Christy, realizada por Ted Wilde. Distribuído pela Paramount.

É difficil analisar o prazer que um filme cómico proporciona. O essencial é que atinja os seus fins, e Harold conseguiu-o sempre, empregando estes meios de absoluta simplicidade: o imprevisto e o optimismo.

No género difficil de farças, um nome avulta sobre todos os outros—o de Charlot. A sua personalidade tem sido exaustivamente estudada, e talvez por isso as de outros artistas de valor, como Harold, são menos conhecidas.

Fisionómicamente, Harold é inexpressi-

vo, ou melhor, impessoal e foi decerto por esse facto que recorreu ao uso dos famosos óculos. Mas nas suas interpretações há a unidade que revela os verdadeiros artistas. Harold criou um símbolo do povo americano, de flagrante observação. O seu optimismo, a sua ingenuidade, a solução pronta das situações mais imprevistas, são os caracteres constantes das suas personagens.

Ted Wilde realizou esta película nos moldes usuais. Teriamos preferido conhecer o nome dos argumentistas que accumularam nas dez partes do filme com um sentido tão exato da comicidade, uma série magnifica de situações espirituosas.

Na interpretação, Harold mantendo o seu habitual jôgo de scena cheio de «à vontade», foi secundado por Ann Christy que tem um desempenho insignificante.



OS NOVOS SENHORES — (*Les Nouveaux Messieurs*). Comédia em 10 partes com Gaby Morlay, Henry Roussel e Albert Prejean. Realizada por Jacques Feyder. Distribuída pela Companhia Cinematográfica de Portugal.

A comédia de costumes é um género difficil que exige observação profunda e ironia discreta. Jacques Feyder reuniu esses elementos em «Les Nouveaux Messieurs», utilizando-os magistralmente. A sua produção é sob este aspecto um êxito absoluto.

A realização é perfeita, caracterizada pelo estilo da escola francesa—a montagem rápida, com que nem sempre concordamos. A fotografia é duma notável regularidade e as decorações e iluminação de magnifico bom gosto.

Na interpretação há a salientar Henri Roussel que, no papel dum velho aristocrata, tem uma criação cheia de inteligência e correcta superioridade. Albert Prejean agradou-nos, sobretudo nas últimas scenas, e Gaby Morlay completa regularmente o conjunto, apesar dos seus modos masculinizados nos desagradarem por vezes. Os restantes interpretes excellentes, o que pode em grande parte ser atribuído com justiça ao realizador, que dirigiu com notável competência a composição dos tipos característicos do ambiente.

Na nossa opinião, esta película foi mal compreendida entre nós. A successão equilibrada das suas imagens, duma psicologia tão justa e duma ironia tão espiritual, faziam prever um successo que não se verificou. Mas o nosso público sempre tão exigente e tão culto enganou-se, decerto, que por distracção.



MONTE CRISTO—Realização de Henri Fescourt e interpretação de Jean Angelo, Lil Dagover, Gaston Modot, Henri Debain, Jean Toulout, Pierre Batcheff e Bernard Goetzke. Distribuído pela Sociedade Universal de Super-Filmes, Ltd.

O público que se compraz em desmentir as afirmações da critica fez um excelente acolhimento a esta película. E, embora todo o successo tenha as suas razões,

não nos foi possível encontrá-las no caso presente.

Henri Fescourt realizou esta película segundo o popular romance de Dumas. O assunto é dos muitos que se supõem cinegráficos pelo movimento que a acção comporta. Conceito errado, visto que foi justamente devido ao excesso de movimentação que a «decoupage», resultou nitidamente má.

Como fotografia, «Monte Cristo» é ainda uma produção inferior, especialmente nas cenas de interiores.

As decorações são em geral vulgares e bastante ridícula a falsa perspectiva de de arcarias do palácio de Monte-Cristo.

Em tudo o mais o filme mantém um nível de mediocridade confrangedor, através do qual ressaltam evidentes as tendências mercantis.

Na interpretação, Jean Angelo foi bem sem nos entusiasmar. Gaston Modot tem um bom desempenho, inferior contudo a algumas das suas criações anteriores. Os restantes fizeram o que lhe mandaram.

No mesmo programa vimos «O Relógio Mágico», um conto maravilhoso de delicioso sabor, desempenhado por Nina Star e os bonecos que a paciência genial de Ladislas Starevitch anima. Este filme, destinado às crianças, interessa igualmente os adultos que nele vão evocar o ambiente de prodígios que constitui a melhor recordação da infância.

ALFAMA — Documentário em 2 partes, realizado por João de Almeida e Sá. Fotografia de Artur da Costa Macedo. Edição da «Ulyssea-Film».

Confiámos sempre que iniciativas honestas e arrojadas viriam um dia tornar a cinematografia nacional uma realidade prática. «Alfama» é uma dessas iniciativas, e bastante notável sob vários aspectos.

A fotografia de Costa Macedo é dos trabalhos mais perfeitos que este artista nos tem apresentado. Em más condições de luz, que todos os que conhecem Alfama poderão avaliar, Costa Macedo conseguiu uma constante uniformidade de fotografia e algumas imagens de grande beleza. Merecem referencia especial as fotografias do cruzeiro e alguns aspectos do Tejo.

Almeida e Sá, que dirigiu o filme, revela-nos excelente intuição e bom gosto. Realizar um documentário, quando se pretende fazer mais do que uma série de aspectos fotográficos incacterísticos, é trabalho difícil.

Almeida e Sá errou por vezes, como sucedeu na escolha de alguns episódios anecdóticos, mas manifesta uma forte originalidade e um sentido correcto do movimento na ordenação das cenas e na continuidade do ritmo.

O que nos agrada, sobretudo, neste documentário, é o conceito de cinema que revela. A câmara nunca permanece fixa. Entra nas ruelas estreitas, sobe aos telhados, rebusca os velhos recantos, deforma a seu modo as perspectivas, para nos restituir depois uma visão poderosamente animada do bairro mais tradicional da cidade. Nem sempre concordamos, porém, com o modo como estas desloc-

ções são feitas. A par de muitos ângulos de feliz escolha, ha uma sucessão demasiado insistente de panorâmicas, algumas de excessiva rapidez. Não nos parecem, do mesmo modo, aconselháveis os «travellings» que por insuficiência de aparelhagem resultam bastante defeituosos.

Esta película que ainda não foi apresentada ao publico está decerto destinada a um justo sucesso. Todos os cinéfilos que se interessam pela produção nacional saberão premiar o esforço que ela representa.

Fazemos votos para que signifique um passo cheio de firmeza para mais largas realizações.

AMOR DE SLAVA — (Fédora) Realização de Ludwig Berger, com Pola Negri e Norman Kerry. Distribuído pela Paramount.

É uma adaptação aceitável, mas de reduzido interesse, da peça «Fédora» de Victorien Sardou. A acção que é fundamentalmente teatral, é prejudicada pela transposição para o «écran». Pola Negri, que só nos agradou nas primeiras cenas, tem nas últimas um trabalho consciencioso que não consegue impor-se. Norman Kerry, actor de verdadeiro mérito, desagrada como galã por razões que qualquer espectadora poderá explicar.

A OUTRA VERDADE — (Der Weltkrieg). Documentário da «Ufa» organizado por Ernest Krieger. Distribuído pela Sociedade Geral de Filmes, Ltd.

Com «A Outra Verdade», o S. Luís exibiu o filme que mais perfeita noção nos dá do conflito que se desencadeou no mundo no ano tragico de 1914.

Os outros filmes da guerra projectados, entre nós, não conseguiram dar-nos essa visão tão profunda da maior das tragédias da humanidade. Nem «A Grande Parada», que foi, de todas a que maior exito alcançou; nem a «Hora Suprema» onde a guerra não se apresentava reconstituída de maneira a converter-se na parte mais bela da película; nem esse honesto e monotono filme «Verdum, visões de historia» com figuras simbolicas pouco expressivas e aceitáveis e um escasso numero de soldados; nem mesmo o «Preço da Gloria» onde a verdade psicologica e realidade brutal da peleja se impunham, impressionando fortemente os espectadores, ofuscaram «A Outra Verdade». «A guerra vista pelos alemães» — dizia-se, honestamente, em sub titulo. Hemos de confessar que foi encarada por um povo vencido com inteligencia, com bom senso e até, aparentemente, com pouca paixão. Não torce os acontecimentos; não procura, de maneira excessiva, fazer recair as simpatias para o lado dum país que, sem grandes países a apoiá-lo, excepto a Austria, lutou contra o mundo inteiro. E assim se explica que ele tivesse sido projectado no «écran» do S. Luís sem que houvesse o menor protexto. (É bom

não esquecer que Portugal se bateu ao lado dos aliados contra a Alemanha e que o sangue português correu abundante na Flandres). Os vencidos disseram da sua razão, isto é da razão da sua derrota, com nobreza e uma clara noção das proporções, oferecendo ao mesmo tempo, aos espectadores um documentário que supera, e em muito, os até aqui exibidos.

Daqui se infere: que a fama da «Ufa» se justifica amplamente; que a Alemanha, apesar de vencida, não deixa de ser uma grande nação e que os odios desencadeados durante a tormenta tentem a extinguir-se. Locarno começa a enraizar-se no coração do mundo, apesar do ceu da Paz se cobrir, de quando em vez, dalgumas nuvens cinzentas e inquietantes...

TEREZA RAQUIN — (Thérèse Raquin) Drama em 10 partes, realizado por Jacques Feyder com Gina Manès, Hans A. von Schletow, Wolfgang Zilner e Anne Marie Laurent. Distribuído pela Sociedade Geral de Filmes, Ltd.

Nenhum realizador europeu ou americano poderia com mais justeza do que Feyder adaptar ao «écran» o romance de Zola, traduzindo o seu estilo literário por um estilo cinematográfico, que não é por isso menos pessoal.

Jacques Feyder é hoje uma das personalidades mais notáveis do cinema. Para estabelecer o ambiente ou sugerir a intenção, os seus processos são rigorosamente cinegráficos. Nunca o vemos recorrer ao expediente simples da legenda, ou ao pormenor artificioso. É por este motivo que é mais penetrante do que qualquer outro quando exprime a desilusão de Suzanne em «Os Novos Senhores» ou o ambiente burguez e vulgar de «Tereza Raquin».

A realização de Feyder fez, portanto, do romance de Zola uma obra de qualidades notáveis. E é preciso atender a que se trata dum romance de caracter granguinholesco, com cenas excessivamente brutais, e cuja acção decresce bastante nas últimas partes. Sob este aspecto a adaptação é magnifica.

Gina Manès no papel difícil de Tereza Raquin teve um desempenho em que não sabemos apontar a mais ligeira imperfeição. Foi sombria, enigmática e duma sensualidade feroz. Schletow, um actor cujas criações são sempre uma surpresa, fez o amigo que uma impulsão fatal leva ao crime. Wolfgang Zilner, num papel de menor destaque, tem um desempenho revelador de vulgares aptidões. No papel de paralítica, Anne Marie Laurent fez o que pôde, com acerto. É de justiça acentuar que a interpretação desta figura, pela sua excessiva violencia, e pelo jôgo fisionómico, em que só o olhar deve exprimir os mais poderosos sentimentos, está fora dos recursos da maioria dos artistas conhecidos.

«Tereza Raquin», fica sendo, portanto, juntamente com «Os Novos Senhores», das películas que entre nós representaram honrosamente na presente época, a produção francesa, tão desacreditada por desastradas tendências especulativas.

CORRESPONDÊNCIA

Una fanciulla bionda — Lisboa — Na Tabacaria Mónaco do Rocio, deve encontrar a revista italiana que lhe interessa.

Madame X — Lisboa — A seu tempo prometemos publicar na «Cine» um bom retrato do grande John Barrymore.

Mimi Oceneruol — Lisboa — 1.º, Louise Brooks está trabalhando actualmente em França, podendo a gentil Mimi dirigir-lhe a correspondência ao cuidado de Sofar, 3, Rue d'Anjou, Paris. 2.º, No n.º 2 da «Cine», fala-se de Louise Brooks.

Um borboloto — Não se zangue se lhe dissermos que a caricatura que nos enviou não serve. Não dá ideia nenhuma do original. Quando fizer uma boa, com efeito, estamos às suas ordens. Este senhor pede-nos para comunicarmos a «Una fanciulla bionda» que gostaria de se corresponder com ela.

Admirador de Joan Crawford II — 1.º, Larry Semon já morreu há bastantes meses. 2.º, É provável que sim. 3.º, Este senhor estinará muito corresponder-se com «Joan Crawford II».

Afonso Augusto d'Oliveira — Lisboa — Agradecemos as suas felicitações e oferta, prometendo publicar de futuro na «Cine» artigos semelhantes àquele que tanto lhe agradou.

Príncipe Rillie — Lisboa — Estamos trabalhando para a boa regularidade na saída da «Cine». Brevemente nada terá que dizer amigo Príncipe.

Princesinha Sérvia — Lisboa — Os seus desejos serão satisfeitos muito em breve.

Barqueiro do Volga — Lisboa — 1.º, O Trianon Cine já funciona desde o principio do ano. 2.º, É muito bom. 3.º, Na generalidade assim é, com efeito. 4.º, Sem dúvida. Este senhor vende os n.ºs 1 a 8 da «Cine» ao preço de 15\$00.

O Homem das Mil Caras — O filme a que se refere nunca foi exibido em Lisboa não sendo natural que ainda o seja, dada a sua antiguidade.

Duarte Pestana — Pôrto — Este senhor tem alguns números da «Cine» em duplicado, que vende ou troca por fotografias de artistas. A direção deste senhor é: Rua Monte da Lapa, 37, Pôrto.

Carmelinófila — Lisboa — 1.º, «Variedades», «O Último dos Homens», «Tartufo», «A Tortura da Carne», «O Patriota», «A

Última Ordem» e os «Pecados dos Pais». 2.º, «O Patriota», «A Duqueza e o Criado», «Corsário Laffitte», «Tempestades e Bonanças», «Esposas Modernas», etc. 3.º, Raymond Hatton e Wallace Beery.

Masmo — Angra — Suzy Vernon, 46, Boulevard Soult, Paris, XIII.

Cinêmano — 1.º. O filme a que se refere ainda não foi exibido em Lisboa. Crê-

mos filmes de Hans Schletow: «Volga-Volga», «O Culpado» e «Tereza Raquin». Concordamos inteiramente com o que nos diz a respeito deste artista.

Um admirador de Greta Garbo — Leia o interessante artigo que publicamos neste número sobre a célebre artista. Escreva-lhe para a Metro Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Calif.

Tito — Lisboa — Bancroft reaparecerá brevemente no S. Luis Cine, no filme «A Rusga»

Doido por fitas... — No próximo número publicaremos o retrato desse artista. As capas estão à venda ao preço de 5\$00 cada. Pelo correio mais 1\$00. Ainda não esta fixada a data para a estreia do filme que aguarda com tanta impaciência. Agradecemos os seus cumprimentos, que retribuimos.

Andaluza — Não lhe podemos garantir que esse filme seja exibido entre nós, visto tratar-se duma produção sonora e falada. Contudo algumas dessas produções tem sido apresentadas em versão muda, como sucedeu com «Interferência».

Mentiroso — Publicaremos num dos próximos números o estudo que nos pede sobre William Powell. Concordamos inteiramente com o que nos diz sobre este artista cuja vigorosa personalidade tem também chamado a nossa atenção.

Trólaró — Lisboa — A artista que viu em «Corações Irlandezes» chama-se Madge Bellamy. Pode escrever-lhe para Fox Studios, 1401, Western Avenue, Hollywood, Calif.

Amigo da «Cine» — Os nossos melhores agradecimentos. No próximo número satisfaremos os seus desejos.

Valentinófila — Devemos ver ainda esta época, «Cobra», do saudoso artista.

Kine — O realizador de «Verdun, Visões da História» foi Leon Poirier. Este filme foi exibido no S. Luis Cine na época passada. Ficamos ao seu dispor para as subseqüentes perguntas.

Cinéfilo Matuto — Não conhecemos filme nenhum com esse nome, e não podemos por esse motivo indicar a distribuição que nos pede. Caso conheça o nome original teremos maior facilidade em lhe ser útil.

C A P A S para encadernar a "CINE"

Estão à venda capas para encadernar o 1.º ano desta revista na Filial do DIÁRIO DE NOTÍCIAS L. Trindade Coelho, 10 Preço 5\$00 = Pelo correio 6\$00

mos que ainda será exibido esta época. 2.º, O filme de Bancroft que preferimos é «As Docas de Nova York».

Clive Brnque — No próximo número da nossa revista encontrará largamente versado o assunto que lhe interessa.

Rei dos Cow Boys — Muito obrigado pelas amáveis referências à nossa revista. As irregularidades das datas de publicação estão em via de completa solução. Podemos assegurar-lhe que muito em breve a encontrará à venda em dias certos.

Princesa das Ostras — 1.º, «Volga-Volga», foi realizado por Turjansky. Os seus principais intérpretes foram Hans Adalbert von Schletow e Lilian Hall Davis. 2.º, Os intérpretes de «Os Novos Senhores» são: Henry Roussel, Albert Prejean e Gaby Morlay.

Boneca de Trapos — Alguns dos últi-

Notícias

Ilustrado

EDIÇÃO SEMANAL DO
DIÁRIO DE NOTÍCIAS
O MELHOR MAGAZINE
DE ACTUALIDADES.
COLABORAÇÃO DOS
MAIS BRILHANTES JOR-
NALISTAS E ESCRITO-
RES PORTUGUESES. O
ÚNICO JORNAL POR-
TUGUEZ, FEITO EM
ROTOGRAVURA

Grande Novidade!



Cinemas de Bolso

Com 20 fitas diferentes, ao preço de
Esc. 3\$50. Remetem-se, registados,
para a provincia, mediante o envio
de Esc. 4\$00 ou á cobrança.
Desconto aos Revendedores

Depositarios:

TABACARIA MARTINS
LARGO DO CALHARIZ, 4
L I S B O A



Salão

Marcel

LIMITADA

Cabeleireiro
de Senhoras

Madame, pretende uma ondulação
indesfrisável, graciosa e de dura-
bilidade garantida?

Frequente V. Ex.^a este elegante
Salão, onde encontra os melhores
cabeleireiros de Lisboa.

Rua Garrett, 48, s/l.

TELEF. C. 1716

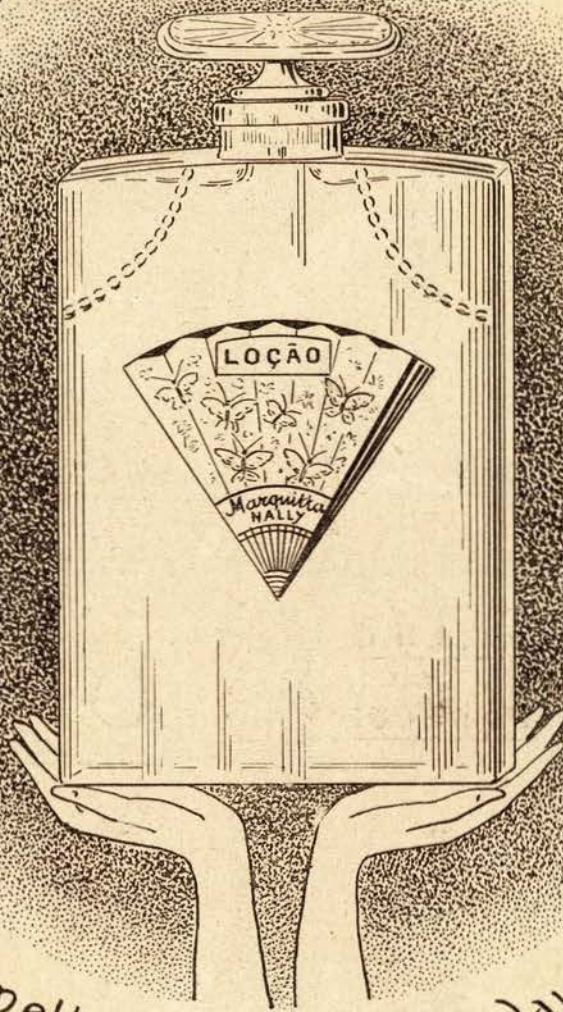
L I S B O A

Os Sports

Bi-Semanário

A MAIOR TIRAGEM
DE TODOS OS JOR-
NAIS DESPORTIVOS
PORTUGUESES. O
JORNAL QUE REUNE
OS MAIS REPUTA-
DOS JORNALISTAS
DA ESPECIALIDADE.

PRODUCTOS NALLY
 Um cabelo sedoso, brilhante e perfumado, obtem-se usando sempre a
 LOÇÃO "MARQUITTA"



que é a melhor e mais agradável de todas
 pedidos á SECÇÃO de PERFUMARIA da EVA
 Largo Trindade Coelho, 10. — LISBOA
 á cobrança: Frasco grande — 34 \$ 00
 " " medio — 20 \$ 00

O S F I L M S D E M A I O R
M E T R O G O L D W Y N
S U C C E S S O M U N D I A L

RUA BRAAMCAMP, 10, r/c, D.
LISBOA



Ano Novo

1930

Uma gráfonola

"ODEON"

é o melhor
brinde

ODEON

« ODEON »

É a marca de discos que se impõe.
É o disco sem rival.

CASA ODEON

113, Rua de S. Nicolau, 11

Telefone C. 2751

Cine : revista mensal de arte
Rev. 2905 V CMLHT

LISBOA